

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
Departamento de Ciências Humanas – Campus IV

Carina Nascimento de Jesus

LEITURA/LEITORA EM FORMAÇÃO INICIAL:
Análise da reescrita em *Quarto de Despejo*

JACOBINA
2019

Carina Nascimento de Jesus

LEITURA/LEITORA EM FORMAÇÃO INICIAL:

Análise da reescrita em *Quarto de Despejo*

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em letras, língua inglesa e literaturas da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras, língua inglesa e literaturas.

Orientadora: Dra. Juliana Cristina Salvadori

JACOBINA

2019

Carina Nascimento de Jesus

LEITURA/LEITORA EM FORMAÇÃO INICIAL:

Análise da reescrita em *Quarto de Despejo*

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em letras, língua inglesa e literaturas da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras, língua inglesa e literaturas.



Prof.ª. Dr.ª. Juliana Cristina Salvadori - UNEB (Orientadora)

Prof.Ma.Gracielia Novaes Penha - UNEB (Banca Examinadora)

Prof. Dr. José Carlos Felix Oliveira - UNEB (Banca Examinadora)

Prof.Ma. Raphaella Silva Pereira de Oliveira - UNEB(Banca Examinadora)

Prof.Ma. Lourdes Silva Modesto Alves – UFBA (Banca Examinadora)

Jacobina, 24 de Setembro de 2019

AGRADECIMENTOS

Reconstruí minha relação afetiva com meu pai já nos seus últimos anos de vida e nem imaginava estar perto do fim. Antes da sua passagem, conversávamos sobre a possibilidade de vê-lo usando terno e gravata no dia da minha colação de grau, pois nunca tinha visto ele em tal elegância. Infelizmente o tempo não foi paciente com a gente. Tenho meu pai fragmentado nas minhas lembranças, então meu agradecimento *in memoriam* a ele.

À minha mãe, obrigada por tudo.

À minha irmã Carolina Nascimento pelo grande apoio.

Agradeço imensamente a minha orientadora Juliana Cristina Salvadori, que me abraçou no momento mais indeciso da minha graduação e me ajudou a compreender minhas limitações e rendimentos. Obrigada por exigir muito de mim e muito mais do que poderia ser capaz de realizar. Obrigada pelos nortes nas orientações para compreender meu objeto de pesquisa e como poderia desenvolvê-lo. Agradeço pelo seu trabalho que foi muito além de orientar os direcionamentos e avaliação de cada fase da pesquisa ajudou muito no meu desenvolvimento acadêmico como aluna da graduação. Um grande abraço.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa Desleitura, e em especial aos meus amigos Beatriz, Manuela, Jamile, Matheus, Elielton, Carina Procópio, Maisa, Luciana, Viviane que a graduação me proporcionou ter, pois minhas tardes na UNEB foram divertidas e meus trabalhos acadêmicos obtiveram sucesso graças ao seu apoio.

Agradeço aos docentes Joaquim Gama, José Carlos Felix, Gracielia Novaes, Roberto Bueno, Davi Alves Oliveira e Ilauana Teles a cada etapa conquistada na minha graduação com as suas contribuições.

Agradeço a Lourdes Modesto pelas suas contribuições nos encontros acadêmicos.

Agradeço a Universidade do Estado da Bahia por proporcionar um ambiente de formação repleto de oportunidades.

*Quando eu morder a palavra, por favor, não me apressem quero
mascar, rasgar entre os dentes, a pele, os ossos, o tutano do verbo,
para assim versejar o amargo das coisas. Da calma e do silêncio.*
(Conceição Evaristo, 2017)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo apresentar as memórias de formação e a produção acadêmica desenvolvida ao longo do meu percurso no Curso de Licenciatura em Letras, Língua Inglesa e Literaturas e segue no formato multipaper. Neste memorial apresento o caminho percorrido desde a fase escolar até a graduação, como objetivo principal o processo de formação leitora e desenvolvimento como pesquisadora na área da literatura afro-brasileira e tradução de textualidades negras na análise da reescrita da autora Carolina Maria de Jesus na obra *Quarto de Despejo* (1960). Para tanto, na metodologia deste trabalho propomos revisão sistemática, revisão da literatura e cotejo analítico da obra *Quarto de Despejo* com a tradução *Child of the Dark* (1962) do tradutor David St. Clair, para identificar como a favela é reescrita na tradução. Como conclusão deste trabalho memorialístico retomo as memórias da minha formação desde a infância até a graduação, e os resultados das minhas pesquisas desenvolvidas, no qual discuto os impactos gerados na minha formação professora/pesquisadora. As categorias teóricas estruturantes deste trabalho fundamentam-se nos conceitos de reescrita (LEFEVERE, 2007), tradução de textualidade afrodiaspórica (CARRASCOSA, 2017), e escrita de mulheres (DALCASTAGNÈ, 2007).

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. Tradução afrodiaspórica. Carolina Maria de Jesus. *Quarto de despejo*.

ABSTRACT

The present final paper aims to present the formation memories and the works developed in the course *Licenciatura em Letras, Língua Inglesa e Literaturas*, under the format multi-paper. In these recollections I present the path taken from school to the undergraduate course, and as main objective the process of reader formation and development as researcher in the area of afro Brazilian literature and translation of black textualities in the analysis of the rewriting of the author Carolina Maria de Jesus and respectively the book *Quarto de Despejo* (1960). Therefore, in the methodology of this work we propose a systematic review, a review of the literature and analytical collation of the *Quarto de Despejo's* book with the translation *Child of the Dark* (1962) of the translator David St. Clair, to identify how the favela is rewritten in translation. As conclusion of this memorial work, I return to my formation's memories from childhood to graduation, and the result of my research, in which I discuss the impacts generated in my formation as a researcher and teacher. As theoretical reference of this work we use the concept of rewriting (LEFEREVE 2007), translation of afro diasporic textualities (CARRASCOSA, 2017) and women's writing (DALCASTAGNÈ, 2007).

Keywords: Afro Brazilian literature. Afro-diasporic translation. Carolina Maria de Jesus. *Quarto de despejo*.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Resultados obtidos no Portal Periódicos CAPES	26
Quadro 2: Produções sobre “Carolina de Jesus” de acordo com a temática	26
Quadro 3: Resultados obtidos no Portal Periódicos CAPES.	27
Quadro 4: Produções sobre “Carolina Maria de Jesus”	27
Quadro 5: Resultados obtidos no Portal Periódicos CAPES.	28
Quadro 6: Produções sobre “Carolina Maria de Jesus” AND “literatura”	28
Quadro 7: Carolina de Jesus dentro das universidades	31
Quadro 8: Prefácio, excerto: a escritora e seu texto	43
Quadro 9: A descoberta, Brasil colônia, escravização e libertação, República e favela:	44
Quadro 10: Prefácio, excerto: o barraco de Carolina	45
Quadro 11: Posfácio, excerto: O barraco de Carolina	45
Quadro 12: Excerto - favela, intraduzível	46
Quadro 13: Quarto de despejo	46
Quadro 14: Relação social	47
Quadro 15: A fome	47
Quadro 16: relações e vivências	48
Quadro 17: Relações culturais	49
Quadro 18: Relações externas	50
Quadro 19: Repressão policial	50

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO – PROCESSO DE LEITURA	10
1.1	ESCOLA: UM REFÚGIO DE DESCOBERTAS	10
1.2	ENSINO MÉDIO – PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO	13
1.3	GRADUAÇÃO: AS TRÊS FASES	14
1.3.1	FASE 1 – Estou no curso certo?	14
1.3.2	FASE 2 – Desistir?	15
1.3.3	FASE 3 – Enfim, sou leitora	16
2	LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E CAROLINA MARIA DE JESUS	25
2.1	CAROLINA MARIA DE JESUS NO UNIVERSO ACADÊMICO	29
3	TRADUÇÃO AFRODIASPORICA EM QUARTO DE DESPEJO	34
3.1	A (DES)CONSTRUÇÃO DA FAVELA NA TRADUÇÃO DE QUARTO DE DESPEJO	36
3.2	SER NEGRA	38
3.3	REESCREVENDO QUARTO DE DESPEJO	38
4	ESTÁGIO DE FORMAÇÃO DOCENTE	53
4.1	ESTÁGIO III – INTERVENÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL	54
4.2	PROJETO DE PESQUISA – PROAF, ESTÁGIO E TCC	56
4.3	ESTÁGIO IV – INTERVENÇÃO NO ENSINO MÉDIO	57
5	CONSIDERAÇÕES - E AGORA?	59
	REFERÊNCIAS	61
	APÊNDICE	62

1 INTRODUÇÃO – PROCESSO DE LEITURA

O movimento vaivém nas águas-lembranças dos meus marejados olhos transborda-me a vida, salgando-me o rosto e o gosto. Sou eternamente náufraga, mas os fundos oceanos não me amedrontam e nem me imobilizam. Recordar é preciso. (Conceição Evaristo, 2017)

A poesia negra rasteja em fatos históricos, é preciso lembrar-se das condições da vida vivida, outras esquecidas. Das muitas lutas traçadas pelos nossos antepassados de pele retinta que progrediram pelo reconhecimento, fortalecimento e sobrevivência no simples ato de querer viver. Cada rastejar emana uma simbologia, poesia em um processo de resistência e desobediência apetecida. A narrativa negra não amedronta, mas intensifica a militância e preenche a vida formulada em poesia que é contada dia após dia. Uma vida negra nasce, noutros dias morre, num ciclo interrompido ou contínuo. Sonhar e sonhar, mas quem gosta de ler um dia pode concretizar.

O que uma criança negra, pobre, família simples, rodeada de problemas familiares quer, mas não pode ter? Ela pode sonhar? Ela quer crescer sem o olhar penoso das pessoas que a encaram e pensam mais que coitadinha, vamos diminuir alguns degraus para ela. É uma ação caridosa? Mas não é mesmo. O que ela quer são boas histórias que a façam inspirar o dia, viver o presente e pensar no futuro.

Como narrar minha história de vida sem deixar aquela impressão final no ouvinte de que sou uma sobrevivente ou uma mísera menina? Apenas escolher alguém com comprometimento que possa ouvir minha história, ao ponto de compreendê-la, e desafiar a fazer o que é capaz, e que talvez não saiba. Neste momento trago minhas memórias, reflexivas sobre meu desenvolvimento como leitora, mas principalmente das batalhas traçadas na infância em um movimento de vai e vem das minhas ondas-lembranças.

1.1 ESCOLA: UM REFÚGIO DE DESCOBERTAS

Sempre tive a proteção materna, acompanhada todos os dias até a escola, minha mãe queria estar certificada que deixou suas filhas na escola, segura, que nada pudesse lhe afligir. Ser assídua, ir às reuniões escolares, ela estava sempre a par de tudo que acontecia. Fui induzida a sonhar, sonhos limitados – só o estudo pode mudar o seu futuro, dizia Lucidalva, minha mãe.

Atualmente, quando paro para rememorar as lembranças do tempo da escola, percebo que foi uma época difícil. Das minhas poucas memórias que tenho compreendo que as lutas traçadas pela minha mãe foram muitas, do simples caderno ao fardamento escolar que era prioridade ter para frequentar a escola – tudo comprado graças ao trabalho árduo de lavar

roupas e afazeres domésticos realizados por ela anos atrás. Lucidalva nos deixava na escola e ia trabalhar, voltávamos da escola e íamos para a casa de meus falecidos avós – ela ainda estava trabalhando, só a via no horário do almoço e no início da noite. Era assim todos os dias. Meu falecido pai, no seu jeito tímido, me incentivava a estudar e em poucas palavras dizia que o futuro é belo e incerto. Fico orgulhosa por ter tido um pai que nunca me disse que o lugar da mulher é no pé do fogão. Já fez o dever de casa menina? Dizia Erisvaldo, meu pai.

Livro era luxo. O único contato com os livros era na biblioteca da escola, quando o plano de aula da professora permitia a visita a este espaço de leitura. Aprendi a ler rápido e não tive dificuldade, lembro dos clássicos infantis da literatura brasileira, uma leitura gostosa e lúdica do fundamental I que marcou minha infância. Minha leitura era bastante limitada, pois não tinha livros em casa e nunca fui presenteada a ter um. Saber ler, realizar em dia todas as tarefas diárias da escola, ter notas boas já era o suficiente pra deixar a mãe orgulhosa, mas faltava algo para me sentir realizada.

A escola tinha um acervo de livros antigos, para consulta, literatura brasileira – a leitura só era permitida dentro da escola, a biblioteca era linda, algumas das vezes apenas para contemplação. Não me lembro das leituras que fiz nas visitas a biblioteca – os livros de literatura brasileira que talvez marcasse a infância de muita criança, não tiveram o mesmo impacto no meu passado. Ler o conto *Missa do Galo*¹ do autor Machado de Assis tive esse prazer na graduação, pois não recorro de ler quando adolescente este ou qualquer outro título do autor, mas se li na escola não tenho essa certeza. Hoje, quando adulta me permito reler Drummond, Clarice Lispector entre outros autores e autoras num processo de leitura vagarosa que dissolve todos os “nãos” que sempre respondi a todas as perguntas de leituras que deveria ter feito na infância. Ainda na escola, tempos depois, foi permitido o empréstimo de livros, fiz a primeira leitura ininterrupta que lembro perfeitamente do gênero fantasia *As Crônicas de Nárnia*² do autor Irlandês C. S. Lewis, em língua portuguesa. Fiquei bastante encantada com o enredo.

As minhas memórias estão vivas quando se trata da escola, lembro de muita coisa boa e outras ruins. Tinha a escola como um refúgio de descobertas. Neste espaço me era proporcionado sonhar com um futuro, ter momentos de lazer, de leitura e socializar com os

¹ O conto *Missa do Galo* de Machado de Assis foi publicado originalmente em 1893. Neste conto o personagem Nogueira narra sua história sobre uma conversa que teve no passado com uma mulher mais velha, a Conceição.

² O livro *As Crônicas de Nárnia* do autor Irlandês C. S. Lewis, é um conjunto de sete contos que narra a história de quatro irmãos que foram parar em um universo mágico. Originalmente os contos foram publicados separadamente a partir dos anos de 1950 a 1956, só no ano de 2009 foi publicado o volume único da saga.

amigos com quem dividia as mesmas alegrias e dores – das lembranças ruins não foi possível apagar da memória as brincadeiras de mau gosto realizadas por colegas de classe. Na época não entendia muito bem o porquê dessas atitudes, mas hoje compreendo que compartilhava com alguns amigos o sofrimento do racismo velado, atitudes cometidas pelas crianças sem sequer compreender que estavam sendo racistas. Como explicar para eles que cometeram racismo se eu também não compreendia o que estava acontecendo comigo? Em tempos de alegria na escola, havia tempos de tristeza em que ter cabelo crespo e pele negra era motivo de exclusão de grupos que só queriam brincar. Como consequência dos inúmeros preconceitos dentro escola me retraí – fiquei tímida e gaga.

Ainda tinha os que se permitiam julgar a aparência de uma negra. Uma grande parte das pessoas que passavam pela minha vida sempre narravam alguns “conselhos”: você pode ficar mais bonita se usar roupas com cores neutras, saber se comportar, mas principalmente alisar o cabelo “duro”, pois de acordo com esses julgamentos eu poderia ficar mais apresentável, seria mais fácil pentear o cabelo, pois pouparia mais tempo para sua mãe realizar outras tarefas de casa em vez de arrumar o seu crespo. Não me permiti ouvir, mas depois de tantos julgamentos me pus a realizar o que tanto me foi dito. Alisava o crespo, ele caía. Teria que me esconder das vergonhas e preconceitos da rua. O crespo crescia e novamente alisava, era o mesmo processo num ciclo curto, mas vicioso. Lembrar disso é angustiante, porém fortalecedor.

Lembrar é a palavra em excesso nesta seção. Um excesso de racismo e preconceito cometido por pessoas de quem lembro nitidamente – de seus rostos e suas atitudes. Um excesso de compaixão de pessoas estranhas que tornaram amigas, como a Andressa Lima, mulher branca, que me conheceu na adolescência e me ajudou a lembrar de todo o julgamento para me fortalecer, perder a gagueira e timidez. Um excesso de proteção da minha mãe que não deixava brincar na rua – lembro-me de Jaqueline Amorim, amiga da infância com quem brincava no quintal de casa, mas cada uma no seu devido espaço, divididas por uma cerca de flecha de sisal, mas sem se importar com a separação: no imaginário a cerca não existia e nem nos impediam de nos divertir. Um excesso de brigas e problemas familiares, mas lembro do abraço, do amor. Porém, não me lembro das leituras que fiz – falta excesso. Prefiro lembrar-me das boas ações na escola, mas, das ruins, levo-as comigo, como ato de militância e reconhecimento da minha identidade. Tais fatos me inspiram e mantém empoderada³.

³ O conceito de *empoderamento*, surgiu da “práxis” para a “teoria”, sendo utilizado primeiro por ativistas feministas e por movimentos de base para depois se tornar objeto de teorização (AITHAL, 1999).

1.2 ENSINO MÉDIO – Processo de identificação

No terceiro ano do Ensino Médio eu estava discutindo com minhas dúvidas e decisões interiores – não tinha nenhuma perspectiva de uma graduação e muito menos sabia que tinha uma universidade pública para cursar. Moro atualmente na Caatinga do Moura – um distrito historicamente conhecido pelo plantio do alho e atualmente pela produção de doce de banana, mas parece até brincadeira ou invenção o fato de não saber que logo ali, a aproximadamente 45 km no município de Jacobina que moro, há uma universidade pública; as informações não chegavam até a mim ou eu não as buscava tê-las. Nos anos de 2012 não tinha muito contato com redes sociais – não possuía nenhum aparelho digital, talvez pudesse ser um dos recursos que me manteria informada e saberia das notícias da cidade de Jacobina.

A veiculação de notícia mais recorrente nessa época era pelo rádio local – ouvia todos os dias por obrigação do meu pai que dizia “acorde cedo para encher a mente de informação”, mas não dava muita importância aos fatos jornalísticos que ouvia diariamente; se um dia se transmitiu alguma propaganda sobre a UNEB, nem dei importância.

A descoberta da universidade pública: um sonho que nem passava pela minha cabeça se deu em um dia de aula de matemática do professor Marcelo, nos anos de 2012. A funcionária Amanda, da UNEB Campus IV, foi realizar a propaganda do vestibular 2013, mas para mim era como todas as outras propagandas de universidades particulares outras que sempre ouvi nos corredores do colégio, mas não, a moça explicou com tanta precisão que naquele momento inventei um sonho, fui tentar a inscrição para obter a taxa de isenção no último dia para submeter. O valor da taxa era de cinco reais, uma quantia razoável, mas neste dia não tinha o dinheiro para pagar. Comuniquei para minha mãe que não compreendia muito o meu desejo e nem tinha o valor que informei, mas sabia que era algo importante. Então, ela pegou meu boleto, abriu a porta de casa e saiu. Estava aflita, último dia, últimas horas, mas ela no tardar do dia apareceu com o boleto pago. Minha isenção foi aprovada, com toda a felicidade fiz a inscrição para o vestibular.

A escritora negra Carolina Maria de Jesus, em seu diário *Quarto de despejo* (1960), escreveu muitas indagações sobre os problemas que assolam a vida do negro/pobre e dos privilégios que muitos não podem ter. Ainda no seu diário ela sempre enfatiza a importância

Por um lado, o conceito foi levado para a academia, ganhando espaço nas perspectivas feministas sobre “poder” (ALLEN, 2005), e noutra forma apropriado nos discursos sobre “desenvolvimento” perdendo nesse processo, muito das suas conotações mais radicais. (Sardenberg, 2009)

da leitura e como o percurso da mulher não é fácil, principalmente se ela for mulher negra, independente e dona dos seus objetivos. Um caso de geração, herdar os mesmos passos da mãe, perpetuar a mesma carreira na vida da mulher negra: ser dona de casa, ter filhos, casada, dependente e submissa. Carolina de Jesus não seguiu os mesmos passos da sua mãe; ela foi mãe, mas foi independente em todos os aspectos. Dona das suas escolhas e vontades e com sua personalidade forte, o que a transformou na grande escritora negra que conhecemos atualmente. Talvez seja um dos motivos que me faz ter identificação com a autora; quebrar essa geração de mulheres que não iniciaram e nem concluíram os estudos; minha mãe vem dessa geração e eu busquei romper com a mesma.

O processo de auto-identificação das minhas questões pessoais foi aflorado no decorrer do ensino médio, quando aconteciam os eventos relacionados à consciência negra, no qual, era convidada a participar de desfiles usando acessórios e roupas que nunca havia experimentado antes. Comecei a gostar dos elogios e num processo/influência fui ensinada a entender a significância das cores, acessórios e saberes históricos dos antepassados afrodescendentes. De forma inconsciente fui mudando de dentro para fora – meu interior estava em transformação, só bastava expor minha coragem para permitir a transformação exterior.

Na minha vida também tem diversão, o que mais sei fazer. No dia anterior ao vestibular fui curtir uma festa de rua com uma amiga que também iria realizar o exame – prometemos para nós que iríamos ficar no festejo até certo horário para que pudessemos retornar e descansar para tomar o transporte até Jacobina. Não fizemos o que tínhamos acordado, chegamos em casa às 05h da manhã com tempo para ficar pronta e viajar. Fiz o exame com tanta exaustão que me dei por derrotada e jurei que não olharia o resultado pensando ser de reprovação. Graças a uma amiga, ela acabou visualizando o resultado da minha aprovação no qual me comunicou. Dias depois, nós comemoramos nossa aprovação na universidade pública. A partir daí tudo começou.

Antes de iniciar as aulas na universidade não me questioneei sobre a carga de leituras que deveria ter para estudar; comemorei e deixei o barco me levar. Fui otimista como a sagitariana que sou e fui trilhar o novo caminho.

1.3 GRADUAÇÃO: AS TRÊS FASES

1.3.1 FASE 1 – Estou no curso certo?

O choque com a realidade: eu não era leitora. A literatura nunca foi o meu mundo quando criança, muito menos na adolescência quando estudava no Ensino Médio.

A primeira pergunta a surgir quando iniciei a graduação foi se estava no curso certo. Este questionamento aleatório se tornou fixo e tomou conta da minha rotina toda vez que adentrava na UNEB, quando emergiam todas as obrigações sobre os trabalhos acadêmicos dos quais não conhecia a natureza. Aprendi a reclamar sobre o meu péssimo desenvolvimento e cogitar abandonar o curso para fazer não se sabe o quê, possivelmente trabalhar em algum estabelecimento. Atualmente percebo que ficaria na estaca zero se tivesse tomado essa decisão.

No início do primeiro semestre eu cumpria todas as exigências das disciplinas— era uma boa aluna, me categorizava como uma, mas percebi que não o era por não ser leitora; havia uma lista enorme de leituras apresentadas em cada ementa dos componentes e que sinceramente nunca tinha lido, nenhum. Um curso de Letras Inglês: outro choque maior, meu inglês precário de Ensino Médio. Estou no curso certo? Meu vocabulário era bastante limitado, mas com o tempo e um pouco de determinação aprendi a dominar a língua inglesa, e ainda continuo num ciclo de aprendizado.

Percebi que estava perdida no curso, mas que passei a apreciá-lo. Senti a necessidade de conhecer minha matriz curricular, entender melhor os objetivos desta formação acadêmica. Ao perceber que estava parada no tempo, inventei diversas desculpas para o meu atrasado no curso, e um sentimento de desistência se desenvolvia aos poucos.

1.3.2 FASE 2 – Desistir?

Grandes decisões são tomadas quando se encerra o Ensino Médio ou eventualmente não se toma nenhuma. Em uma fase da minha vida quando estava no ensino médio, o único objetivo traçado era concluir a formação na educação básica, uma das conquistas que sempre fora incentivada a traçar. Perto de concluir fui submetida à prova, inscrever-se para o vestibular – algo realmente surpreendente e com cheiro de novidade, então, resolvi me arriscar. Fui selecionada e dentro da universidade estou – uma meta que nunca sonhei antes. Quando penso na desistência meu subconsciente rememora os abandonos que cometi ou os que me foram ensinados. O caminho difícil é nas ondas de incertezas.

Quando matriculada, estava cursando a graduação em seu terceiro semestre quando percebi que estava cruzando grandes desafios, inéditos. Em um curso de língua inglesa e literatura somadas a todas as dificuldades envolvendo moradia, questões econômicas etc., me senti pressionada a dar conta de assuntos com os quais não estava acostumada a lidar.

Um dia, pensei “não planejei estar aqui, com meus dezenove e meio de idade”. Me questionei sobre o que queria e o que não queria. Desistir da universidade e ser feliz ou continuar não gostando do curso? Essa lacuna me perseguiu por exatamente um ano, enquanto uns me parabenizavam pela entrada a universidade, eu questionava o porquê desses parabéns e como eu poderia merecê-los, mas na minha posição já sabia que negro quando entra na universidade é motivo para comemoração e em muitas das vezes indagações negativas sobre este status.

Universidade nunca foi meu propósito e sendo filha de pais que nunca terminaram a escola regular. Da parte deles uma graduação era um voo muito alto e inalcançável, talvez tenham sido educados pelos seus pais analfabetos a pensar da mesma forma.

O desânimo era o primeiro sentimento que surgia quando visualizava as metas e objetivos que os componentes do curso apresentavam na ementa. Creio que o desânimo era uma consequência da falta de estímulo que havia numa vontade de desistência e uma aproximação a falta de interesse do início. Não tinha planos de entrar numa universidade, não foi algo planejado.

Não lembro do ponto de partida incentivador para identificar o curso de Língua inglesa como meu de fato. Ouvi muitos conselhos de como poderia matricular em poucas disciplinas e se empenhar ao máximo. Um dos motivos para permanecer nesta graduação foi o primeiro estágio que realizei no ano de 2015 pelo programa Instituto Euvaldo Lodi – IEL para estudantes. Lecionei para alunos pela primeira vez, percebi o gosto pela licenciatura, lidar com o outro. Depois desta onda de incertezas lembro-me claramente do meu processo como leitora foi desenvolvido perante as orientações com a professora Juliana Salvadori que ajudou a compreender minhas limitações e potências.

1.3.3 FASE 3 – Enfim, sou leitora

Hoje sou leitora e continua sendo um processo longo. Quando eu percebi que estava perdida na graduação, senti a necessidade de me conectar com o espaço e o curso no qual estou matriculada. Seguindo um conselho do professor Joaquim Gama – faça o curso devagar, matricule-se em poucas disciplinas e siga em frente, pensei bem, e foi o que exatamente fiz. Primeiro, cursei as disciplinas ministradas em português e tentei me dedicar ao inglês de

forma particular, estudando em casa e assistindo como ouvinte algumas aulas do componente Básico e Intermediário – disciplinas referentes à grade curricular do curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa e Literaturas.

O tempo passou e chegou à hora de cursar disciplinas de literatura. Nos corredores da UNEB ouvia os temores sobre as disciplinas e o quanto era difícil, mas principalmente que precisaria identificar-me com um objeto para progredir nas disciplinas de Núcleo – preparatórias para a escolha do objeto e construção do recorte, objetivo e problema de pesquisa para escrever o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. No meu percurso já sabia de colegas que tinham feito o TCC na área da linguística; eram poucos, mas de uma coisa tinha certeza: não tenho nenhuma aptidão para tal área de pesquisa.

Para chegar a tais conclusões sobre a tomada de consciência em relação às disciplinas, percebi outra mudança que tenho certeza não ter notado quando entrei na UNEB nos anos de 2013; a minha auto-identificação e conexão com minhas raízes afrodescendentes. As mudanças externas partiram da troca de guarda roupa – o abandono as roupas desconfortáveis, o auto-reconhecimento com meu cabelo crespo (o que muitos podem até ter pensado que era uma fase ou moda, mas vai além desse preconceito externo), que é muito complexo, imbricado de subjetividades e identidades. A escritora negro-americana bell hooks em seu livro *O feminismo é para todo mundo* trata muito bem das discussões culturais e sociais envolvendo a mulher negra. O capítulo “Beleza por dentro e por fora” apresenta uma discussão sobre os direitos da mulher e como ela pode libertar sua autoestima e seus desejos graças aos movimentos feministas contemporâneos que desafiam os pensamentos e atitudes sexistas, pois, se antes não conseguia desenvolver um empoderamento sobre meu corpo e minha forma de agir, o movimento racista influenciou meu eu interior e me transformou em quem eu nunca quis ser. Graças à intervenção feminista contemporânea que vai contra esse movimento, hoje como mulher negra posso ir ao encontro da libertação individual e reconhecimento da beleza interior que constrói minha imagem externa cheia de complexidades femininas independentes.

Quando penso no meu reencontro com minha identidade, entendo como processo de mudança pessoal e profissional, no qual o meio externo influencia as minhas tomadas de consciência. Analisando essa prática inconsciente, Stuart Hall em seu texto *A identidade cultural na pós-modernidade*, que aborda sobre a crise da identidade e como a modernidade tardia interfere de forma contrárias nessa formação, posso fazer uma leitura significativa dessa identidade. Assim, Hall traz três concepções de identidade em que me identifico com uma: a identidade sociológica, no qual.

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura – dos mundos que ele/ela habitava(p.11)

As minhas interações sociais ao decorrer do tempo conhecendo novas pessoas, núcleos de amizade, como por exemplo, a minha entrada na universidade, impactou minha realidade. Conheci novos núcleos sociais que lutam por uma causa, desenvolvem pesquisa, orientam e abrem o espaço para a comunidade. A minha ideologia mudou. Os conceitos que vinha criando no decorrer da vida deixaram uma enorme lacuna; o que me ensinaram e/ou que me influenciaram era a verdade a ser seguida? Meus valores esquecidos retornaram e minha identidade entre o espaço interior e exterior abriu uma oportunidade para meu próprio ser, reconhecer uma identidade cultural afro-descendente que me foi ensinada a esquecer. A literatura afro-brasileira abriu portas para diversas possibilidades acadêmicas e pessoais.

Eu já sou dotada do meu empoderamento, entendo minhas raízes e não tenho vergonha de expor, é como Jamile – amiga e colega de curso gosta de falar, chegou à militante. Percebi que gosto muito das discussões afrodescendentes – foi assim que defini no momento. Como disse no início desta seção, eu me encontrei no curso e nas minhas questões pessoais de identidade; Agora, dentro da universidade, precisava definir minha área de pesquisa e um objeto para construir meu TCC, mas qual objeto? A literatura afro-brasileira permitiu a construção da minha base de leitura e pesquisa. O ponto de partida para iniciar pesquisa nessa área não me lembro muito bem, mas de forma fragmentada recordo da primeira vez que fui assistir a uma aula de algum componente do curso (não recordo qual disciplina) em que estava matriculada com a professora Juliana Salvadori. Em meio as suas explicações citou como exemplo uma obra de uma escritora negra, que infelizmente não lembro qual, muito menos a obra, mas a explicação foi bastante relevante e despertou meu interesse. A disciplina ministrada no turno noturno frequentei por apenas dois dias e decidi perder por frequência – morava na casa de um parente, desavenças e questões econômicas fizeram retornar para casa e estudar apenas em diurno.

Fiquei encantada com a explicação vinda da professora, que tempos depois se tornou minha orientadora. Então, em meio às conversas de corredor na UNEB, descobri a autora Carolina Maria de Jesus. A sua biografia de superação despertou uma identificação em mim. De fato, não li a primeira obra dela intitulada de *Quarto de Despejo* (1960) que a fez famosa como escritora, mas li o romance *Pedaços da fome* (1962), e foi a partir dessa leitura que tudo começou, encontrei meu objeto. Mas antes de falar como está sendo meu percurso como

pesquisadora negra e orientanda de Juliana, deixa eu te contar como a conheci. Engraçado pra mim e importante na minha formação como professora leitora.

Nos primeiros semestres cursava disciplinas com o professor José Carlos Félix –Doutor em Teoria e História Literária. No seu primeiro dia de aula, ele abriu seu *laptop* e começou a lecionar a aula em língua inglesa. Não entendi absolutamente nada que ele falava, só consegui identificar umas palavras que estavam no slide apresentado – fiquei chocada, socorro. No primeiro semestre da disciplina de Aspectos Históricos e Culturais em Língua Inglesa, no qual o trabalho final tinha como objetivo apresentar sobre os percursos históricos, culturais e linguísticos de um país de língua inglesa, todos os colegas da turma apresentaram para Félix; quando chegou a vez do meu grupo, o professor precisou se afastar por questões pessoais e a professora Juliana Salvadori foi escalada para avaliar nossa apresentação. Antes de apresentar o seminário a única coisa que o nosso grupo ouvia era: vocês estão ferrados, essa professora é casca grossa. Apresentei e passei no componente. Se a professora é casca grossa, vou descobrir no decorrer dos anos.

Tive uma passagem breve por outro componente ministrado por Salvadori, no turno noturno, em uma turma com a qual não tive afinidade. Como me desvinculei da minha turma de origem por ter que cursar componentes em outras turmas, chegou um período que fui para o primeiro semestre da turma de 2015.1. Nesse mesmo semestre, veio a greve mais longa que presenciei – foram três meses longos e um semestre letivo perdido. No próximo semestre de 2015.2, enfim, reencontrei a professora ministrando uma disciplina que já tinha concluído com o professor Felix.

Nesta mesma turma fiz grandes amigos, conversava muito com eles nesse período de construção. Como disse anteriormente, sabia que necessitaria de um (a) orientador (a) para prosseguir. No ano de 2017, em conversa com Manuela, à distância, perguntei o que achava de solicitar orientação a Juliana. Eu estava muito apreensiva, então ela foi bastante direta: manda um e-mail, simples assim. O e-mail foi respondido, a professora me apresentou uma lista imensa de deveres que eu deveria seguir para ser orientanda dela.

De início fui para o encontro do grupo de pesquisa *Desleitura em Série*. Meu primeiro dia no grupo foi apreensivo, tive que me adaptar e entender como trabalhar em grupo, percebi conscientemente que estava me tornando uma leitora ativa, mas ainda não estava trabalhando no eixo da tradução que é o eixo central operante do grupo. O objetivo do grupo, é claro, é trabalhar em parceria com o colega, desler o texto do dia com o propósito de questionar apontamentos e ajudar na construção. Para compreender a funcionalidade do grupo, trago a descrição retirada do Diretório de Grupos do CNPq, logo abaixo.

Descrição: Descrição: Este projeto almeja pesquisar as funções/tarefas da tradução e do tradutor, no sentido benjaminiano do termo, enfocando o texto-tradução como o lócus da convergência entre os atos de leitura e escritura e, logo, a persona do tradutor como o leitor-escritor. O tradutor é, afinal, aquele que, supostamente, entra no jogo do autor e, a partir de sua interpretação, (re)escreve-a, amalgamando de sua(s) tarefa(s) - a leitura e a escrita - na acepção de Kristeva e Barthes. Neste sentido, a tradução é pensada com o poiesis - ato poético, no sentido aristotélico do termo, isto é, criativo, em que se atualizam (s) potencialidade(s) da obra literária, desdobramento criativo - e como mediação: o tradutor (inter)medeia nossa aproximação com o texto. Ademais, esse projeto surge como o germe de um Núcleo de Tradução que almeja, entre outras metas, repensar a tarefa do tradutor e da tradução na formação de repertórios específicos analisando suas escolhas de tradução -seu horizonte de tradução. O objetivo central desse projeto de pesquisa e extensão é, a partir da fundamentação teórica fornecida pelos textos na área de tradução(vertente pós-colonial, principalmente), multimodalidade/intersemiótica e adaptação repensar o papel da tradução e do tradutor como mediador/agente de leitura que, pelas suas escolhas cria um cânone/repertório de autores e textos (literários e teóricos): que projetos tradutórios e culturais pautam essas escolhas, é uma das questões que colocamos; como o horizonte de tradução do tradutor - formado pelo seu projeto cultural pedagógico bem como pela sua postura tradutório - molda ou é moldado por estes projetos; como as categorias autor/leitor, escritura/leitura convergem e são postas em xeque pelo tradutor e sua tarefa, a tradução, parafraseando o título do famoso texto de Benjamin. Dito de outro modo, o objetivo principal deste projeto é o de repensar a "tarefa" do tradutor, ou locus primeiro, isto é, o de leitor, tendo em vista que o conceito de leitura vai além da divisão posta entre ler e escrever: o tradutor, afinal, precisa se apropriar da obra para desempenhar a contento sua função de mediador? seja para uma nova e/ou distinta cultura, público, etc. A proposta é que se faça entender que o tradutor transita não apenas entre duas línguas, mas entre os dois loci - o do autor e o do leitor. São estas considerações iniciais que fundamentam, dentre outras metas deste projeto, a criação de um núcleo de tradução com os discentes e docentes do campus e demais interessados, estudando e produzindo traduções interlingual, intralingual e intersemiótica. Outra questão é a de pensar a tradução, área transdisciplinar por natureza, como uma das possibilidades de formação profissional do discente em Letras Línguas Estrangeiras.

Como já havia definido minha autora central para iniciar a pesquisa, a primeira atividade dirigida pelas orientações da orientadora no grupo foi operar a revisão sistemática para identificar produções feitas a partir dos anos 2000 por pesquisadores acadêmicos sobre a escritora Carolina Maria de Jesus. A partir desta pesquisa construí um artigo sobre como o corpo discente e docente acadêmico reescreve a autora para os leitores brasileiros. Neste artigo busquei apontar que as produções reescritas encontradas neste estado da arte tratam de discutir sobre os diferentes temas sociais, culturais e históricos abordados pela Carolina em seu diário *Quarto de Despejo* (1960). O mesmo trabalho foi submetido para apresentação no segundo Colóquio Desleitura em Série realizado no ano de 2017 na Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus IV. Minha primeira apresentação em evento foi relevante para a construção da minha pesquisa, bem como o arcabouço teórico que me foi acrescentado para analisar a produção da autora. Mais tarde o artigo produzido foi publicado nos anais do evento.

Um ano depois de ter entrado no grupo Desleitura, exatamente no primeiro semestre de 2018, fui selecionada para ser a monitora do projeto de extensão *Entrando no bosque: #leia mais mulheres*, com o objetivo de incentivar o público a ler mais escritoras mulheres. Antes disso, o projeto foi construído nas férias de forma conjunta, trabalho colaborativo do grupo que foi desenvolvido no semestre de 2018.1, fruto de um desdobramento do projeto de extensão piloto *Entrando no bosque*, que não estivera presente. Como monitora, tive como obrigação organizar com antecedência as questões burocráticas, divulgação de cada encontro realizado quinzenalmente e minha leitura dos contos/ romances para participar da mediação e debate como ouvinte.

Apresento na íntegra o resumo do projeto com seu principal objetivo e desdobramentos. Sendo meu primeiro projeto de extensão *Entrando no bosque #leiamaismulheres* retirado do Diretório de Grupos do CNPq, que participei, avalio como importante no meu percurso leitora. Abaixo.

O título deste projeto de extensão, “Entrando no bosque”, que integra parte das ações propostas pelo grupo de Pesquisa Desleitura em Série, remete ao ensaio inicial de Eco (1994) apresentando em Seis passeios pelo bosque da ficção, e busca suscitar não somente a alusão ao mundo ficcional do bosque – esse espaço intermediário entre a cidade e a floresta, o doméstico e o selvagem, no qual estão à espreita a bruxa, o lobo, enfim, o perigo, assim como a fada e a casa de doces – mas também à magistral analogia apresentada pelo autor, com base em Borges, sobre o texto ficcional: “um bosque é um jardim de caminhos que se bifurcam” (1994, p.9). Nesta analogia Eco enfatiza o papel ativo do leitor na apropriação daquele espaço ficcional por meio desse ato corajoso que é/deve ser a leitura, ultrapassando a sensação de emboscada eminente – que os textos literários parecem oferecer aos leitores iniciantes, ou, melhor dizendo, para os não iniciados, para aqueles que Virgínia Woolf chama de leitor comum. E a estes leitores, que procuram trilhar os caminhos que se bifurcam, que este projeto se destina. Ademais, as ações de extensão promovidas pelo grupo de Pesquisa vão ao encontro dos projetos de pesquisa desenvolvidos pelos coordenadores do projeto e seus orientandos no que tange à compreensão de como as textualidades contemporâneas (produzidas, circuladas e recebidas a partir de outros suportes/materialidades, particularmente mediados pelas novas tecnologias) põem em xeque a função do autor e, logo, o papel do leitor, assim como o conceito de obra e texto e, mais amplamente, literatura. Neste sentido, a leitura e a escrita são pensadas como desleitura na acepção de Bloom (1991; 1995), apropriação desviante do texto do outro – a ser lido sempre na perspectiva de uma abordagem comparada, ou seja, em diálogo com outros textos – suas adaptações, traduções, reescritas: prática social compartilhada e resignificada.

Esse foi o meu primeiro projeto desde o meu desempenho no grupo de pesquisa, no qual participei ativamente, e dentro da programação fui escalada para apresentar em novembro – mês negro de comemorações a consciência negra. Na minha mediação tive o prazer de apresentar para os presentes a biografia de Carolina Maria de Jesus e suas obras para discussão, autora essa pela qual me encantei e com quem teci uma identificação forte sobre sua escrita. Tendo quase concluído a primeira fase do projeto, a minha orientadora me

lançou um desafio: desenvolver um projeto de pesquisa para ser submetido ao Programa de Ações Afirmativas – PROAF, programa este que tem como objetivo financiar trabalhos desenvolvidos por alunos cotistas numa linha de pesquisa que contemplasse as questões étnico – raciais, mas meu projeto foi desenvolvido voltado para o eixo de tradução, assim, meu objeto de pesquisa poderia ser alinhado aos das outras suas orientandas.

O processo de escrita do projeto foi denso, sob um ciclo de leitura, escrita e revisão em parceria colaborativa com o grupo. Concluímos o projeto, encadernamos duas cópias do mesmo e enviamos pelo correio para a sede da PROAF que fica na UNEB Campus I. Após algumas semanas de espera, obtivemos o resultado positivo, fomos aprovadas! Logo em seguida tivemos que dar entrada nos papéis de desvinculação para desistir do projeto de extensão e dar início ao de pesquisa. Foi um grande progresso e um pouco de frustração, pois não estava pronta a abrir mão de um projeto de extensão relevante, mas compreendi meu afastamento (um distanciamento como bolsista, mas estive presente em todo desenvolvimento das mediações e discussões) como um progresso na pesquisa. Meu subprojeto de pesquisa intitulado é derivado do projeto piloto *Da tradução como reescrita: escritoras brasileiras em língua inglesa* de Juliana Salvadori, que tem como descrição:

Este projeto se propõe como a primeira etapa de uma pesquisa vinculada ao Núcleo de Traduções (NUTS) do Departamento de Ciências Humanas do Campus IV e ao Grupo de pesquisa Desleitura, que visa delinear uma historiografia da tradução de escritoras brasileiras numa perspectiva comparatista tendo como objeto as traduções de autoras de ficção brasileiras para língua inglesa. Para tanto, compreendemos o registro dessa historiografia como a reconstrução de uma história da leitura que concebe leitura como prática cultural compartilhada, cuja circulação e recepção dos textos está vinculada a sua história material, dentre elas as traduções (VIEIRA, 1996; PAGANO, 2001). Essa abordagem está inserida no paradigma descritivo dos estudos da tradução (vide PYM, 2017) e parte da abordagem contextualizada de Lefevere (2007) e Venuti (2002; 2004) que, em diálogo com os estudos culturais, propõe ressignificar a teoria dos polissistemas (EVEN-ZOHAR, 1990; 2013). Nesta primeira etapa, buscaremos mapear a circulação da reescrita da escritora Carolina de Jesus em traduções de língua inglesa para compreender a formação do fenômeno que o teórico Venuti (2002) denomina de cânone doméstico de um autor estrangeiro, cânone este pautado por questões não apenas culturais, mas políticas e econômicas, em evidência no país de chegada, de modo que possamos compreender o lugar e impacto das traduções desta autora, seus textos e temas, nas práticas de leitura e escrita do público de chegada. Como categorias teóricas, baseamo-nos em reescrita (LEFEVERE 2007) e cânone doméstico (VENUTTI, 2002), visto que estas categorias abordam os processos e atores implicados no ato de recepção e circulação de textos literários, considerando os contextos cultural, econômico e de prestígio para explicar a vida e sobrevivência de um texto literário, para além do valor intrínseco do mesmo.

O projeto piloto da orientadora engloba os subprojetos de tradução de suas orientandas, que realizam o trabalho de análise do processo de tradução, adaptação e reescrita das produções de escritoras de língua inglesa para a língua portuguesa/ variante brasileira. O

processo de busca do meu objeto para a produção do subprojeto se deu pela feita da revisão sistemática (o diário de Carolina Maria de Jesus foi traduzido para mais de 13 línguas, e com essa informação só bastava identificar o tradutor e a edição deste livro traduzido para a língua inglesa). Identifiquei uma dissertação com o objetivo de analisar os marcadores culturais contidos no diário e como esses elementos foram traduzidos/reescritos para a língua inglesa na tradução *Child of the Dark* (1962) do tradutor David St. Clair. Compreendendo o projeto da minha orientadora, buscamos produzir um subprojeto que analisasse como a favela é reescrita na tradução de *Quarto de Despejo* (1960) pelo tradutor David St. Clair. Meu projeto de tradução foi o único que realizou o trabalho contrário de analisar a reescrita do livro traduzido para o público de língua inglesa. Assim, apresento meu subprojeto intitulado de *Reescrevendo Carolina: uma análise da (des)construção da favela na tradução de Quarto de Despejo*.

O presente anteprojeto está vinculado ao Núcleo de Traduções (NUTS) com orientação da professora Dra. Juliana Cristina Salvadori em parceria com o Grupo de pesquisa Desleitura. Objetiva analisar a reescrita de *Quarto de Despejo* (1960) da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, traduzido para língua inglesa por David St. Clair como *Child of the dark* (1962), publicado pela editora Signet Classic. As categorias teóricas deste trabalho são reescrita (LEFEVERE, 2007), cânone doméstico (VENTUI, 2002), escrita de mulheres (DALCASTAGNÉ, 2007) e tradução de textualidade afrocentrada (CARRASCOSA, 2017). Para a realização desta pesquisa, realizaremos o cotejo do texto em língua portuguesa com o traduzido, para analisar como o tradutor reescreve a favela para a língua inglesa e como traduz a identidade social e cultural linguisticamente marcada no texto em língua portuguesa.

Pesquisar dentro do cânone da literatura afro-brasileira está sendo um grande desafio, devido a minha recente entrada nas pesquisas e leituras de produção negra. Iniciar um trabalho de tradução foi outro desafio maior, assim como realizar a leitura e resenha crítica de teorias para o desenvolvimento da pesquisa que envolveu analisar como ocorre a reescrita da favela na tradução de *Quarto de despejo* (1960). Decidir criar afinidade com o objetivo da pesquisa mesmo sabendo que no início minha área de pesquisa não envolveu tradução. A experiência foi enriquecedora, pude crescer com o projeto, participei do primeiro evento fora do campus IV, no Raras Epistêmicas da Universidade Federal do Estado da Bahia – UFBA. Logo depois participei do evento SER NEGRA – Descolonizar o feminino, que ocorreu no Instituto Federal de Brasília – IFB, onde publiquei o resumo nos anais do evento. Assim, pude receber inúmeras contribuições para o encaminhamento do projeto.

Produzir três artigos frutos de uma pesquisa em parceria com o Grupo de pesquisa Desleitura em Série e o Núcleo de Traduções (NUTs). O primeiro artigo foi publicado nos anais do Colóquio Desleitura, o segundo artigo está em processo de publicação pelo Grupo de

pesquisa Rasuras da UFBA e o terceiro e último foi submetido para o Cadernos de Letras da UFPEL.

Na vigência da bolsa Afirmativa com o projeto de tradução apenas cumprir a primeira fase da bola, pois solicitei desvinculação para trabalhar de carteira assinada e substituição da bolsa para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida e finalizada pela então bolsista Ana Gabrieli.

Os estágios de formação foram relevantes para a minha formação como professora da rede pública e privada. No desenvolvimento de intervenção nas escolas públicas da rede escolar de Jacobina - Ba tive a oportunidade de vincular meu objeto de pesquisa aos dois últimos estágios de intervenção, onde apliquei aulas voltadas para a literatura afro-brasileira envolvendo a autora Carolina Maria de Jesus e a obra Quarto de despejo (1960), as produções dos alunos objetivaram discutir sobre os problemas e características sociais, culturais e históricas da sociedade da mesma forma que a autora discutiu na sua obra, mas com aproximação ao lócus que os alunos residem formando uma representação por meio da escrita.

2 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E CAROLINA MARIA DE JESUS

Esta seção tem como objetivo apresentar os resultados da produção do primeiro artigo que foi produzido nos anos de 2017, fruto do desdobramento de uma pesquisa desenvolvida em parceria com o grupo de pesquisa Desleitura para ser apresentada no segundo Colóquio Desleitura em série. Essencialmente, a aproximação com as obras da autora negra Carolina Maria de Jesus partiu de uma identificação afetiva pela sua produção e biografia da autora. Por um lado, tomando consciência desta aproximação, buscou-se elencar uma aproximação acadêmica para dar início a pesquisa sobre a produção da autora.

À medida que esta aproximação foi construída, o objetivo deste trabalho teve como objetivo compreender como se dá a reescrita de Carolina Maria de Jesus e suas obras pela crítica especializada para o público brasileiro contemporâneo, entre os anos de 2013 a 2016. Este trabalho pretendeu realizar um mapeamento que foi feito no portal de periódicos da Capes, a partir de um levantamento de artigos que abordam temas relevantes retomando a autora para os dias atuais e retratando suas obras para o contexto contemporâneo, objetivando compreender como a crítica especializada que são os alunos e professores acadêmicos reescrevem as mesmas para o público brasileiro contemporâneo.

Compreender a reescrita da autora e suas obras requer o embasamento teórico acerca da definição de reescrita feita por Lefevere (2007), no qual afirma que reescrita é uma forma de manipulação do texto fonte. Os resultados mostraram que os 12 trabalhos coletados discutem sobre a autora e suas obras comparados com outras obras e grandes autores que representam o povo marginalizado sem voz. Os temas que são abordados em cada artigo revelam que a retomada de Carolina de Jesus e de suas obras são imprescindíveis para ser estudada nos dias atuais, e o conhecimento dos mesmos pelo público brasileiro reflete a aproximação graças a sua reescrita.

A representação feminina em obras literárias por muitas vezes apresenta um estereótipo mascarado, a literatura é marcada pela elite dominadora estendendo uma maior importância a autores brancos e de classe social predominantemente média (DALCASTAGNÈ). O papel da mulher negra na literatura entrelaça o seu lugar nas questões sociais e políticas da sociedade, além do seu pertencimento na história. Entretanto, autora brasileira Carolina de Jesus aos olhos de uma sociedade dominante ela não tem lugar representativo já que é negra, pobre, mãe de três filhos que foi morar na favela e sem formação escolar tinha um desejo em registrar seu dia a dia em folhas das quais encontrava na sua rotina de catadora de papel. Sua escrita simples e sincera, relatou a vida de quem passou

fome e dificuldades, assim, registradas em um diário que foi descoberto por um jornalista e posteriormente publicado com o título Quarto de despejo 1960, teve uma grande repercussão na mídia nacional e internacional.

Para compreender a reescrita da autora e suas respectivas obras pela crítica especializada, é necessário entender o conceito de reescrita que parte da discussão de Lefevere (2007), que afirma que a reescrita é uma forma de manipulação do texto fonte. A análise desta reescrita possibilita a aproximação do público brasileiro contemporâneo para que tenha conhecimento do texto fonte através dos tipos de mídias, ou seja, a reescrita/manipulação do original. Para tanto, foi feito um mapeamento no Portal de periódicos CAPES, no qual foram inseridos os descritores “Carolina de Jesus”, “Quarto de Despejo”, “crítica”, “literatura”, “reescrita”, “Carolina Maria de Jesus” e bem como suas combinações compostas, seguindo os critérios de seleção descritos na seção seguinte foram encontrados 12 trabalhos que têm relação direta com o tema proposta deste artigo.

Para a realização deste trabalho, procuramos um tema, a reescrita da autora Carolina Maria de Jesus e de suas obras pela crítica especializada para o público brasileiro contemporâneo, delimitando um objeto capaz de proporcionar uma reflexão sobre o caminho que esta pesquisa desperte para os leitores. Para este trabalho, partimos de uma pesquisa bibliográfica e metodologia qualitativa. Partindo disto, pretende verificar como a reescrita de Carolina de Jesus e suas obras para o público brasileiro está sendo discutida no Brasil, assim, partindo de um mapeamento reflexivo sobre o tema. No primeiro momento foi feito o reconhecimento do assunto a partir da leitura de textos discutidos na seção seguinte.

Quadro 1: Resultados obtidos no Portal Periódicos CAPES

DESCRIPTOR	TÍTULO Sem filtro	TÍTULO Recorte temporal	RELACIONADO COM O TEMA
“Carolina de Jesus”	22	9	3

A reescrita de Carolina de Jesus e suas obras para o público contemporâneo.

Quadro 2: Produções sobre “Carolina de Jesus” de acordo coma temática

ANO	AUTOR	TÍTULO
2014	Divina Perpétua, Elzira	A proposta estética em quarto de Despejo, de Carolina de Jesus
2014	Oliveira, Natalia Fontes de	(In)visibleviolence: Carolina de Jesus’s Quarto de despejo and Lispector’s A hora da estrela.

2014	Larissa Paula Tirloni; Marcelo Marinho	Carolina Maria de Jesus e a auto representação literária da exclusão social na América Latina: olhares reversos aos de Eduardo Galeano e Octávio Paz
------	--	--

*Periódicos CAPES.

Partindo para o Periódicos CAPES inserindo o descritor “Carolina Maria de Jesus”, obteve-se 193 artigos, por fim, inseriu o recorte temporal do período 2013- 2016 e foram evidenciados 21 artigos. Para a apreciação dos resultados obtidos, segue abaixo:

Quadro 3: Resultados obtidos no Portal Periódicos CAPES.

DESCRIPTOR	TÍTULO Sem filtro	TÍTULO Recorte temporal	RELACIONADO COM O TEMA
“Carolina Maria de Jesus”	193	21	5

Com a apuração dos resultados obtidos nesta pesquisa, a seguir as tabelas referentes a cada portal, seguindo de ano, autor, título. Abaixo:

A reescrita de Carolina de Jesus e suas obras para o público contemporâneo.

Quadro 4: Produções sobre “Carolina Maria de Jesus”

ANO	AUTOR	TÍTULO
2014	Fernandez, Raffaella Andréa; Meira Liebig, Sueli Scripta	Interferências da subjetividade estrangeira na tradução de Diário de Btítia, de Carolina Maria de Jesus
2014	Paiva Coronel, Luciana	A censura ao direito de sonhar em Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus
2014	Marco Antonio Gonçalves	Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida (os diários de Carolina Maria de Jesus)
2015	Estides Delgado, Gabriel	A autoria feminina na construção literária do espaço social, (texto em português) (Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea) (Resena de Libro)
2016	Darlan Santos; Jacques Fux	A experiência limite dos que falam

*Periódicos CAPES.

A última combinação de descritor “Carolina Maria de Jesus” AND “literatura”, inserido nos periódicos CAPES foi evidenciado 29 resultados, por fim, adicionamos o recorte temporal e temos 11 resultados. Observe os resultados abaixo:

Quadro 5: Resultados obtidos no Portal Periódicos CAPES.

DESCRIPTOR	TÍTULO Sem filtro	TÍTULO Recorte temporal	RELACIONADO COM O TEMA
“Carolina Maria de Jesus” AND “literatura”	29	11	3

Fonte: a autora

Com a apuração dos resultados obtidos nesta pesquisa, a seguir as tabelas referentes a cada portal, seguindo de ano, autor, título. Abaixo:

A reescrita de Carolina de Jesus e suas obras para o público contemporâneo.

Quadro 6: Produções sobre “Carolina Maria de Jesus” AND “literatura”

ANO	AUTOR	TÍTULO
2014	Dalcastagnè, Regina	Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na literatura brasileira contemporânea
2014	Larissa Paula Tirloni; Marcelo Marinho	Carolina Maria de Jesus e a auto representação literária da exclusão social na América Latina: olhares reversos aos de Eduardo Galeano e Octavio Paz
2016	Gilmar Penteado	A árvore Carolina de Jesus: Uma literatura vista de longe

*Periódicos CAPES.

Depois de realizado o estado da arte, apontando os artigos que têm relação direta com o objetivo deste trabalho, a seção seguinte fará uma análise sucinta destes elementos observando cada elemento e comparando suas similaridades e interesses entre si.

Os resumos de cada artigo têm objetivos diferentes, como exemplo, abordar a representatividade que a mulher negra ganhou graças a autoras como Carolina que escreveu caracterizando seu povo que não tinha vez e nem voz sobre a sociedade. Outros resumos têm como objetivos analisar a escrita da primeira obra da autora, objetivando identificar quais as estratégias de escrita que Carolina de Jesus usou e a sua tentativa de ser entendida como uma

autora e não como uma simples mulher que escreveu os relatos de sua vida pessoal em papéis soltos.

Com o recorte temporal escolhido para esse artigo é possível identificar que os escritores críticos que fazem pesquisas atuais estão adentrando nos estudos de literatura afro brasileira⁴, e a retomada da autora e de suas obras por meio desta reescrita nos anos atuais é devido a uma importância que a sociedade tem dado as características culturais e históricas de autores não muito sucedidos midiaticamente, fazem parte da história da sociedade e a sua representatividade é direcionada a outra classe não dominadora. Portanto, esses fatores evidenciam a alta produção de trabalhos na contemporaneidade para o público específico.

A relevância deste trabalho é evidenciada no mapeamento feito no Portal de periódicos CAPES, no qual a publicação de trabalhos relacionados a diferentes temas são altamente estudados. Os trabalhos ganham força a partir dos temas dos artigos que almejam e objetiva a retomada da autora e de suas obras, analisando as estratégias de escrita do primeiro diário e a intenção literária de Carolina, os objetivos dos artigos ganham amplitude quando os autores fazem comparação da autora com outros autores, como Clarice Lispector uma escritora renomada, e Paulo Linz e Ferraz autores de origem pobre que tentaram na sua escrita demonstrar a representação do seu povo por meio das estratégias de escrita das obras.

1.1 CAROLINA MARIA DE JESUS NO UNIVERSO ACADÊMICO

Este trabalho teve como objetivo mapear as universidades que contém um corpo acadêmico ativo na produção de pesquisas voltadas para a reescrita da autora negra Carolina Maria de Jesus para o público brasileiro. Este artigo foi submetido e aprovado para ser apresentado no evento Rasuras Epistêmicas das (Est)éticas negras Contemporâneas que ocorreu no período de 13 a 15 de dezembro de 2017 da Universidade Federal do Estado da Bahia – UFBA, Como conclusão, o artigo está na espera para ser publicado nos anais do evento, visto que o próprio grupo de pesquisa que sediou o evento informou o motivo do atraso para a publicação e a data futura da mesma.

O presente trabalho proposto teve como objetivo mapear teses e dissertações no Catálogo de Banco de Teses e Dissertações as pesquisas que foram produzidos entre os anos de 2013 a 2016, com o objetivo de analisar e compreender como a crítica especializada nas universidades brasileiras trabalha com a reescrita da autora Carolina Maria de Jesus para o público brasileiro contemporâneo.

⁴ Afro-brasileiro é um termo oficial no Brasil que designa racialmente e de acordo com a cor das pessoas que se definem como pertencentes a esse grupo descendentes de pessoas africanas vindas do continente africano.

Por se tratar das obras de Carolina, quando publicadas a partir dos anos 60 uma autora que não tinha um espaço representativo na sociedade e por ser uma mulher negra, mãe de três filhos e solteira, moradora da favela do Canindé sem escolaridade e que não se encaixava nos padrões da sociedade escreveu grandes obras que levaram a um grande sucesso instantâneo, mas foi levada ao esquecimento anos depois. No século XXI as obras da autora tomaram o cenário brasileiro por meio da reescrita feita pela crítica especializada compreendida aqui por docentes e discentes da pós-graduação, trabalharam de forma fragmentada os diversos temas sociais e históricos que estão narrados nas suas obras e que de forma analítica os fatos abordados pela autora são vivenciados até hoje pela população negra, pobre desfavorecida e distante dos padrões da sociedade.

O conceito de reescrita trabalhado aqui é de Lefevere (2007), discute que toda forma de reescrita é uma forma de manipulação do texto fonte, e que esta forma de reescrita promove a aproximação do público leitor por meio dos diversos tipos de mídias direcionados pela manipulação/ reescrita do texto original. Dalcastagnè (2007) em seu trabalho *A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea* aborda que a representação literária é marcada por um estereótipo em que a elite dominadora estende uma maior importância a autores brancos e de classe social predominante, e a chegada de autores negros para a literatura marginal proporcionou a representação do povo que não tinha vez e nem voz na sociedade por meio desta escrita marcada de denúncias e relatos sociais.

O mapeamento realizado no seguinte tópico tem como objetivo identificar os trabalhos produzidos pela crítica especializada destacam alguns temas de relevância social para o público brasileiro contemporâneo.

Para a realização deste trabalho foi escolhido o tema a reescrita de Carolina Maria de Jesus dentro das universidades pela crítica especializada para o público brasileiro contemporâneo, e delimitando um objeto capaz de proporcionar a reflexão para o leitor que desconhece esta escrita negra e desenvolva novos olhares críticos sobre as produções de Carolina de Jesus. Para este trabalho, partimos de uma pesquisa bibliográfica e metodologia qualitativa.

O papel que a reescrita empenha sobre as obras de caráter negro que são discutidas por docentes e discentes desenvolvem a disseminação da intenção literária que autoras negras tinham quando escreviam suas obras em uma sociedade elitizada (ARRUDA, 2015). As universidades quando desempenham o papel de obrigatoriamente ou não trabalhar com textos negros possibilita o desenvolvimento intelectual dos discentes e docentes e, por conta disto, o

mapeamento realizado aqui oportuniza identificar quais são as universidades, discentes, docentes e os temas que são abordados pelos mesmos, mas não serão analisados aqui os resumos dos trabalhos. Logo abaixo:

Quadro 7: Carolina de Jesus dentro das universidades

ANO	AUTOR(A)	UNIVERSIDADE	TÍTULO
2013	Azeredo, Mônica Horta	UnB	A representação do feminino heróico na literatura e no cinema: uma análise das obras Quarto de Despejo: diário de uma favelada (Carolina Maria de Jesus), Estamira e Estamira para Todos e para Ninguém (Marcos Prado), De Salto Alto e Tudo sobre Minha Mãe (Pedro Almodóvar).
2013	Ferreira, Amanda Crispim	UFMG	'Escrevivências', as lembranças afro femininas como um lugar da memória afro-brasileira: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães
2013	Leonarczyk, Elaine	UEM	A(s) violência(s) na literatura infantojuvenil brasileira: uma análise a partir do PNDE 2013
2013	Costa, Ana Karoliny Teixeira da	USP	Do diário ao romance: representação literária em “Quarto de Despejo” e “Pedaços da Fome”
2014	Santos, Marcela Ernesto Dos	UNESP	RESISTINDO À TEMPESTADE: a interseccionalidade de opressões nas obras de Carolina Maria e Maya Angelou'
2014	Fernandes, Cassiano Motta	UEL	Versões do feminino proletário: a representação da mulher trabalhadora em três escritoras brasileiras
2014	Navarro, Luciane Pereira da Silva	UEPG	Eu marginal: (Des)encontros narrativos em primeira pessoa
2015	Arruda, Aline Alves	UFMG	Carolina Maria de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito
2015	Duarte, Francis Paula correia	UFRRJ	O invisível Quarto de Despejo da sociedade: o diário como gênero

			discursivo de crítica e reescrita em “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus.
2015	Silva, Gislene Alves da	UNEB	Narrativas autobiográficas de escritoras de Alagoinhas: processos de (auto)formação e ressignificação
2015	Oliveira, Margarete Aparecida de	UFMG	Narrativas de favela e identidades negras: Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo'
2015	Fernandez, Rafaella Andrea.	UNICAMP	Processo criativo no espólio literário de Carolina Maria de Jesus
2015	Santos, Lara Gabriela Alves Dos	UFG	Carolina Maria de Jesus: Análise literária em Quarto de Despejo- Diário de uma favelada
2016	SANTOS, RAQUEL ALVES DOS	USP	Do exotismo à denúncia social: sobre a recepção de Quarto de despejo, de Carolina Maria De Jesus, na Alemanha
2016	Jesus, Erika Nunes De	UNEB	Uma escrita de si como fala do outro: um estudo do diário de Carolina Maria de Jesus
2016	Bocate, Ivana	UEL	Na cozinha, o duro pão; no quarto, a dura cama: Um percurso pelos espaços na obra de Carolina Maria de Jesus
2016	Capelett, Patrícia Cristina	Unioeste	Análise de marcadores culturais em Quarto de Despejo e Casa de Alvenaria e as respectivas traduções, a luz dos estudos da tradução baseados em corpus

Ao todo nesta pesquisa foi possível identificar que 12 universidades brasileiras adotam pesquisadores que trabalham com os cadernos de Carolina, entre elas tem a Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP que tornou obrigatório a leitura da principal obra de Carolina de Jesus. A produção ativa destes trabalhos desde 2013 mostra que a cada ano os pesquisadores estão produzindo sobre a escritora negra.

Os temas que foram estudados tratam da representação feminina na literatura marginal, como abordado por Dalcastagnè (2007) quando uma mulher negra dentro de uma sociedade elitizada ganha voz é capaz de representar as suas semelhantes que são desfavorecidas. A escrevivência, conceito adotado por Conceição Evaristo trata da

possibilidade de reproduzir na sua reescrita dos textos negros a memória escrita sem necessariamente reproduzi como imitação. A violência, um dos temas que são abordados pela autora Carolina está contido no trabalho de Leonarczyk que além de tratar dos problemas que a violência causa na sociedade, cita a obra de Carolina que em sua narrativa revela a violência contra a mulher que acontecia ao seu redor na favela. A narrativa em primeira pessoa revela o grau como a autora relatava os acontecimentos diários da favela e os problemas sociais que a sociedade mascarava.

O recorte de objeto que cada pesquisador trabalhou com o foco nas escritas de Carolina de Jesus discorre os diferentes temas que são tratados com o objetivo de esclarecer fazendo ponte com a vida atual, pois mesmo se tratando de uma escrita dos anos de 1960 com relatos de uma época passada, os fatos sociais e históricos não mudaram e o ato de que as universidades brasileiras abriram portas para a literatura marginal viabilizou o conhecimento da autora negra Carolina Maria de Jesus bem como outros autores negros que escrevem a escrita de si nas suas páginas e descrevem os problemas sociais e compartilha para o mundo.

Esta pesquisa possibilitou o conhecimento pessoal e coletivo das universidades que trabalham com a escrita de Carolina de Jesus no período contemporâneo por meio da reescrita que viabiliza a aproximação do leitor brasileiro que não conhece a profundidade do trabalho da autora. A obra de uma pessoa simples pode chegar ao leitor simples pela disseminação de informação que a cada dia por meio da reescrita compartilha o reconhecimento da importância da autora dentro das universidades que expõe características essenciais que obras negras culturais e históricas têm em comum.

O intuito de mapear o Catálogo de Banco de Teses e Dissertações da Capes foi identificar quais universidades e temas são situados em suas pesquisas desenvolvidas entre os anos de 2013 a 2017, para revelar a importância que a escritora tem e como a reescrita opera na dispersão do conhecimento das obras no contexto atual por meio dos temas estratégicos dos docentes e discentes, e as pesquisas que foram descartadas não faziam conexão direta com o tema, bem como a repetição que foi eliminada.

Nesta pesquisa não foi possível analisar os resumos de cada trabalho com o foco em observar o objetivo, metodologia, categorias e problemática que cada pesquisador usou para desenvolver suas teses e dissertações, sendo cabível para desenvolver em um artigo futuro.

3 TRADUÇÃO AFRODIASPÓRICA EM QUARTO DE DESPEJO

Para Lefevere (2007), teórico que compartilha com Venuti (2002) da abordagem cultural dos estudos da tradução, entende que a constituição de um cânone doméstico se dá por meio do processo de manipulação, processo que ele nomeia de reescritura, conceito adotado neste projeto de pesquisa como categoria teórica e de análise e que compreende o conjunto de processos de tradução, antologização, historiografia, crítica e edição.

As abordagens sobre tradução que embasam este trabalho não partem de modelos linguísticos, nem dos estritamente literários/hermenêuticos, mas culturais. Dentre estas, estão a teoria dos polissistemas, que enfocam na tradução de textos literários e tem entre seus primeiros teóricos Even-Zohar e Hermans, que procuram entender o papel e o impacto dos textos traduzidos no sistema literário da língua de chegada. Partindo para teorias que discutem apenas obras de escritores negros, Dalcastagnè(2017) destaca que a literatura brasileira contemporânea é marcada pela elite dominadora em sua maior parte composta por autores de sua maioria branca da classe social predominantemente média. Neste contexto, a publicação de escritores e escritoras negros é imperativo ético para diversificação das narrativas conferindo reconhecimento simbólico das vivências outras que tem sido invisibilizadas na literatura.

Segundo Carrascosa (2017), a tarefa da tradução afrodiaspórica feita por uma tradutora negra pode articular uma função de transmitir saberes, experiências e perigos afrodiaspóricos. Porém, os perigos do apagamento e “branqueamento” das características culturais e sociais de um texto negro por meio da reescrita/tradução são visíveis na operação tradutória realizada por um tradutor branco, que detém de estratégias tradutórias para a língua alvo, mas tal crítica representa um perigo, pois não determina que todo tradutor branco poderá cometer a mesma operação de apagamento num texto de natureza negra. Assim, o tradutor transmite sua subjetividade social e cultural para o texto negro e constitui uma forma de ideologia mais eficaz para sua cultura. Evidenciar que as classificações e valores de uma cultura não são únicas é um trabalho que o tradutor deve ter em mente quando for escolher um texto negro para trabalhar. Esta pesquisa traz uma contribuição, sobretudo, para a área de literatura comparada, e para os estudos da tradução e recepção desta narrativa ficcional de uma escritora brasileira como Carolina de Jesus para a língua inglesa, considerando a reescrita de uma escritora negra e o papel da tradução para reprodução e consolidação de identidades culturais.

Dalcastagnè (2007) traz a discussão sobre a representatividade literária dos autores marginais que tentaram por meio da escrita manter-se no campo literário. A classe

dominadora é formada pelos favorecidos, os que têm formação social, no entanto, o campo literário também é marcado por esta elite dominadora e não muito diferente quem representa este campo são os homens brancos da classe média. A autora discute as estratégias que os autores marginais como Carolina de Jesus, Paulo Lins e Ferrez, utilizaram na escrita estratégias para validar seu trabalho no campo literário. A partir destes pressupostos teóricos que esta pesquisa será desenvolvida, e assim, além de categorias teóricas serão usadas como categoria de análise comparativa do corpus descrito neste trabalho. Para completar, Dalcastagnè (2012) em seu texto *“Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais”* abordam sobre o instrumento de afirmação da identidade nacional, o que se caracteriza pela luta de escritores e críticos que estão em busca de seu espaço – e de poder, o poder de falar com legitimidade, assim, a literatura brasileira é um espaço em disputa, pois “todo espaço está em disputa, seja ele inscrito no meio social, ou constituído numa narrativa” (p.13). Este espaço conflitante, e a relação de autor e obra são os agentes do campo literário que estão buscando por reconhecimento e valorização da sua produção.

Em defesa da produção negra envolvida no objeto desta pesquisa, os textos teóricos que abordam o conceito de favela (espaço físico e não físico) e a relação aqui traçada sobre a reescrita da favela por meio da tradução para o público de língua inglesa, a partir da visão de Dennys (2016) em seu texto *“Negritude e tradução no Brasil: o legado do Barão de Jacuecanga”* percorre um caminho diferente ao discutir por que os autores afro-americanos são poucos traduzidos no Brasil. Nesse sentido, o autor parte do pressuposto de que os movimentos negros de resistência começaram posteriormente, o que ocasionou na tardia manifestação da voz do negro na literatura brasileira. A partir desta constatação, conceito de “negritude na literatura entra com visibilidade na academia ao reconhecer os trabalhos de Zilá Bernad (1987, 1988a, 1988b) que denunciavam a exclusão negra do cânone literário”. (p.12). Assim, mesmo depois dos movimentos de resistência a “ideia de negritude no Brasil é ainda de parte ideologia americana” (p.13). Com todos esses percalços da história da negritude na literatura, é importante salientar que as vertentes de poder, ideológico, político, cultural, histórico formam três relações entre negritude e tradução que são descritas como: tradução de autores negros, tradução da literatura negra e o ato de tradução realizado por negros. (p.17).

2.1 A (DES)CONSTRUÇÃO DA FAVELA NA TRADUÇÃO DE QUARTO DE DESPEJO

Projeto desenvolvido no ano de 2018 submetido ao Programa Afirmativa que tem como objetivo promover pesquisas realizadas por alunos cotistas com trabalhos num viés étnico e afro. A realização deste projeto de pesquisa teve duração entre 16 de julho a 31 de dezembro concluindo a primeira fase, no qual solicitei desligamento e substituição da bolsa para a segunda fase.

O presente anteprojeto está vinculado ao Núcleo de Traduções (NUTS) com orientação da professora Dra. Juliana Cristina Salvadori em parceria com o Grupo de pesquisa Desleitura.

O presente subprojeto objetivou analisar a reescrita de *Quarto de Despejo* (1960) da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, traduzido para língua inglesa por David St. Clair como *Child of the Dark* (1962), publicado pela editora Signet Classic. As categorias teóricas deste trabalho foram reescrita (LEFEVERE, 2007), cânone doméstico (VENTURI, 2002), escrita de mulheres (DALCASTAGNÈ, 2007) e tradução de textualidade afrocentrada (CARRASCOSA, 2017). Para a realização desta pesquisa, realizaremos o cotejo do texto em língua portuguesa com o traduzido, para analisar como o tradutor reescreve a favela para a língua inglesa e como traduz a identidade social e cultural linguisticamente marcada no texto em língua portuguesa.

O objetivo deste projeto foi analisar a reescrita da obra *Quarto de Despejo* (1960) da escritora Carolina Maria de Jesus, para o público de língua inglesa, por meio da tradução *Child of the dark* (1962), por David St. Clair para compreender como a favela é reescrita na tradução, assim como a escrita marcada de Carolina.

Considerando a reescrita da escritora Carolina Maria de Jesus e de suas obras para o público brasileiro contemporâneo, feita pela crítica especializada (acadêmica) nos anos 2000, é preciso considerar o papel que a mesma tem desempenhado na construção da sua subjetividade como escritora negra no contexto contemporâneo. Descoberta por um jornalista na favela do Canindé, negra, sem escolaridade, pobre, publicou seu primeiro livro intitulado de *Quarto de Despejo* 1960, que alcançou um sucesso grandioso e foi à conhecimento mundial graças à tradução da obra para 14 línguas. Dalcastagnè (2017) destaca que a literatura brasileira contemporânea é marcada pela elite dominadora em sua maior parte composta por autores de sua maioria branca da classe social predominantemente média. Neste contexto, a publicação de escritores e escritoras negros é imperativo ético para diversificação das

narrativas conferindo reconhecimento simbólico das vivências outras que tem sido invisibilizadas na literatura.

Para Lefevere (2007), a tradução dessa ou de outra forma de textualidade é uma forma de reescrita que se caracteriza pela prática de leitura e escrita realizada por um leitor profissional que trabalha para dar visibilidade a um texto estrangeiro. Nesta pesquisa abordaremos a tradução de *Quarto de despejo* (1960) feita para língua inglesa procurando compreender o impacto desta (des)construção da identidade cultural e social da favela que permeia a interpretação e contextualização da obra para o leitor da língua inglesa, feito por meio de elementos textuais e paratextuais (capa, prefácio, textos de apresentação), bem como a formação de cânones domésticos de autores estrangeiros, neste caso de Carolina de Jesus.

Esta pesquisa foi desenvolvida como segmento da primeira etapa da pesquisa vinculada ao Núcleo de Traduções (NUTS) e ao Grupo de pesquisa Desleitura, que visa delinear uma historiografia da tradução, tendo como objeto a traduções de escritoras de ficção do sistema literário brasileiro para a língua inglesa. Essa abordagem está inserida no paradigma descritivo dos estudos de tradução (vide PYM, 2017), assim como na abordagem contextualizada de Lefevere (2007) e Venuti (2002; 2004) que, em diálogo com estudos culturais, propõe ressignificar a teoria dos polissistemas (EVEN-ZOHAR, 1990; 2013). Como parte dessa etapa, o subprojeto será desdobrado por meio do estudo de caso de tradução da escritora Carolina Maria de Jesus para a língua inglesa. Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizaremos como dispositivo de pesquisa revisão sistemática dos trabalhos de pesquisa sobre a escritora em língua inglesa, e levantamento bibliográfico sobre a produção escrita traduzida para a língua inglesa. Após o levantamento inicial das informações, a pesquisa irá: (i) mapear as produções sobre a autora em língua inglesa; (ii) comparar a obra original e a traduzida para compreender como a favela é reescrita na tradução; (iii) analisar como o tradutor reproduz a favela na tradução. Esta análise de corpus se baseará nos procedimentos postos pelos estudos da tradução e da literatura comparada a partir das categorias teóricas e de análise definidas a seguir: reescrita e cânone doméstico, por Lefevere (2007) e Venuti (2002), respectivamente; e autoria feminina, compreendidas nas perspectivas de Dalcastagnè (2007) e conceitos de textualidade afrodiaspórica de Carrascosa (2017).

Como resultado desta pesquisa procuramos evidenciar que o tradutor na sua tarefa tradutória normatiza a escrita da autora, no qual, executa o apagamento de características linguísticas do texto original, produz uma (des)construção da identidade cultural e social da favela para contextualizar o público de língua inglesa, e produzir artigos no mesmo eixo

temático sobre a reescrita de Carolina Maria de Jesus e de sua obra na tradução, para apresentação em simpósios e submissão para publicação em revistas indexadas.

2.2 SER NEGRA

No primeiro resultado da pesquisa desenvolvida durante a vigência da primeira fase da bolsa participei do evento *Ser negra* sediada no Instituto Federal de Brasília, com finalidade de apresentar a proposta da pesquisa que estava em desenvolvimento, dessa forma o resumo da pesquisa foi publicado nos anais do evento.

A pesquisa teve como objetivo analisar a reescrita de *Quarto de Despejo* (1960) da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, traduzido para língua inglesa por David St. Clair como *Child of the dark* (1962), publicado pela editora Signet Classic. Para tanto, será feito um cotejo analítico da obra original de Carolina de Jesus com a edição traduzida do diário, levando em conta os aspectos divergentes na (des)construção da favela que permeiam a interpretação e a contextualização da obra para o leitor em língua inglesa, observando quais estratégias de tradução foram utilizadas para traduzir a obra, já que o tradutor efetua o apagamento cultural quando faz uso da normatiza na escrita da autora. As categorias teóricas deste trabalho são os conceitos estruturantes de reescrita (LEFEVERE, 2007), cânone doméstico (VENTURI, 2002), escrita de mulheres (DALCASTAGNÈ, 2007) e tradução de textualidade afrodiaspórica (CARRASCOSA, 2017). Para a realização desta pesquisa, realizaremos o cotejo do texto em língua portuguesa com o traduzido, para analisar como o tradutor reescreve a favela para a língua inglesa e como traduz a identidade social e cultural linguisticamente marcada no texto em língua portuguesa.

2.3 REESCREVENDO QUARTO DE DESPEJO

O presente trabalho teve como objetivo examinar a reescrita de *Quarto de Despejo* (1960), da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, a partir da tradução para língua inglesa, *Child of the Dark* (1962), por David St. Clair, bem como o prefácio e posfácio da referida edição, publicado pela editora Signet Classic. Para tanto, propomos o cotejo analítico do texto de Carolina de Jesus, na edição sinalizada, com a edição traduzida do diário, levando em conta os aspectos divergentes na tradução do espaço da favela que, por sua vez, impactam na interpretação e contextualização do texto para o leitor em língua inglesa, particularmente no que tange o processo de apagamento cultural e normatização da escrita de Carolina Maria de Jesus pelo tradutor.

A escritora negra Carolina Maria de Jesus, moradora da favela, pobre e mãe de três filhos, no seu tempo livre registrava seu dia a dia em folhas soltas que encontrava na rua. Carolina foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas e com sua ajuda publicou seu primeiro livro, *Quarto de Despejo*, em 1960, angariando reconhecimento nacional e internacional. Para que o diário pudesse ser publicado, o jornalista acabou desempenhando o papel de editor, procurando impactar o mínimo possível na escrita de Carolina, pautando-se pela seleção dos trechos em que a vida na favela, ou seja, o diário, destacavam-se.

O texto de Carolina Maria de Jesus foi traduzido para 14 línguas. A versão em inglês, do tradutor David St. Clair, *Child of the Dark*(1962), objeto de análise neste trabalho, foi contextualizada para o leitor estrangeiro por meio de elementos paratextuais como o prefácio do tradutor, no qual o tradutor contextualiza a favela e parte da história brasileira, com foco no movimento de êxodo rural na urbanização dos centros brasileiros. De forma sucinta, no prefácio, o tradutor esforça-se para condensar em 11 páginas 500 anos de história, abordando os seguintes temas: o Brasil Colônia, a conquista da independência do país, a migração do povo nordestino para o sudeste, a formação das primeiras favelas até, finalmente, chegar à história de Carolina de Jesus, como moradora da favela do Canindé e escritora negra e semianalfabeta.

Além da contextualização no prefácio, à edição aqui analisada, edição centenária, 2003, faz uso de um outro elemento paratextual, um posfácio escrito por Robert M. Levine – diretor e historiador do departamento de Estudos Latino-americano da Universidade de Miami, abordando a carreira de Carolina Maria de Jesus desde a sua descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, até a sua inserção na sociedade brasileira latino-americana como escritora negra. No posfácio, Levine apresenta o percurso de Carolina desde sua descoberta ressaltando a relevância da mesma como escritora negra, bem como seu discurso politizado pela luta aos direitos dos marginalizados. Por fim, informa ao leitor a publicação do livro “*Casa de Alvenaria*” (1961), entre outras publicações não tão aclamadas pelo público, a vida após a fama, seu esquecimento perante a sociedade e a sua relevância histórica e social. Tanto o prefácio quanto o posfácio serão abordados nesta análise como elementos que norteiam a recepção do texto de Carolina pelo público de língua inglesa.

Especial atenção é dada ao prefácio, pois nele o tradutor formula sua hipótese de leitura sobre o texto de Carolina apresentando a favela e sua constituição como elemento central para compreensão do texto, mas a partir de uma perspectiva enviesada, historicamente marcada pelo ambivalente fascínio e abjeção que este espaço provoca seja nos escritores, cineastas e público em geral ávidos por explorarem e/ou consumirem uma ideia de favela em

um viés de quase sempre pautado pela exotização da miséria o qual, por sua vez no caso em questão, acaba se reduzindo a uma tropos temático na tradução, apagando as inscrições linguísticas da produção da/na favela que a escrita de Carolina de Jesus traz. Isto se comprova quando comparamos o texto de Carolina e a tradução para língua inglesa: o diário na sua tradução foi submetido a uma normatização da escrita para a língua alvo, evidenciando o apagamento identitário e cultural da escritora e a ocultação das características principais deste texto que, o qual chamou atenção ao público em geral também pela sua não conformidade ortográfica, sintática, etc. pondo em questão, inclusive, seu *status* de literatura – daí a relevância e o marco deste texto para os estudos de literatura brasileira.

Dalcastagnè (2007), em seu livro *Auto-Representação de Grupos Marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea*, argumenta que a representatividade literária de autores marginais no campo literário. Destaca que a classe dominante é formada pelos favorecidos, no entanto, o campo literário também é marcado por esta elite dominante e, não muito diferente, quem representa este campo são os homens brancos da classe média. O texto discute, ainda, as estratégias de recepção e representação de escritores marginais, a exemplo de Carolina, a construção de seus textos percebe a desvantagem social que consiste em legitimar um lugar de representação do universo da favela.

Do mesmo modo, em *“Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais”*, Dalcastagnè (2012) enfoca a discussão sobre a legitimidade do lugar de fala de autores marginais ao questionar sobre os instrumentos de afirmação da identidade nacional num espaço social, dentre eles a literatura, em completa disputa, seja inscrito no meio social ou construído numa narrativa. Carolina, neste sentido, disputa pela legitimidade de poder dizer, escrever e representar suas vivências fazendo-as circular.

Para além da luta pelo espaço simbólico na literatura, isto é, pelo poder dizer e narrar, é preciso pensarmos na constituição real e simbólico, a favela, no texto de Carolina e no prefácio do tradutor. Segundo Gonçalves & Nascimento (2011), em seu artigo *“Favela, espaço e sujeito: uma relação conflituosa”*, o conceito de favela está ligado à ideia de pertencimento ou necessidade de existência de um grupo marginalizado, no qual uma parte da sociedade é considerada “inexistente”. Neste sentido, o grupo marginalizado pode questionar a sua alteridade no qual parte do pressuposto de que este grupo social marginalizado interdepende da classe dominante. A relação conflituosa entre sujeito e território na favela, e suas representações diárias sob o aspecto da visibilidade e invisibilidade do favelado nos locais periféricos, são desenvolvidas para evidenciar como é a construção simbólica da favela sobre uma visão de miséria e violência. Quando se trata deste espaço, que é a favela, descrito

é constituído na escrita de Carolina, é possível evidenciar múltiplos modos relacionais e conflituosos descritos na narrativa, no qual, apresenta uma construção simbólica desse espaço que desenvolve uma relação estável em níveis de dificuldade entre sujeito e espaço e, uma relação conflituosa por parte da classe dominadora que apresenta instâncias políticas, econômicas, sociais e culturais que, assim, não identifica este espaço urbano reconhecível e definido como um grupo, uma comunidade.

Para Patrocínio (2015), em seu texto *“A ‘Não-cidade’: A favela vista pelos cronistas do início do século XX”*, o processo de análise crítica da favela é apresentado sobre a perspectiva das crônicas publicadas, gênero textual narrativo escolhido. Para tanto, apresenta as formas de representação da favela como espaço de resistência definido por não-moradores e moradores da periferia, a partir de uma alteridade desenvolvida entre a cidade formal e as localidades. Assim, Patrocínio procura entender como a descrição da favela por meio deste gênero textual pode construir este espaço físico e não físico para o leitor formado. Analisar este espaço desconhecido por não-moradores e conhecido por moradores pela perspectiva de cronistas nos remete ao texto de Carolina e ao prefácio de Clair, que apresenta características e análises distintas. O tradutor para a língua inglesa, Clair, analisa Clair esse espaço sob a perspectiva de um sujeito não-morador para compreender a constituição da favela e contextualizar o leitor estrangeiro sobre as características sociais, históricas, culturais e econômicas deste espaço na narrativa do prefácio, uma vez que o tradutor faz um recorte mais em consonância com seu contexto, o anglo-americano. Por sua vez, Carolina, escritora e moradora desse espaço periférico, apresenta, sob seu olhar, uma análise das características deste espaço de resistência, espaço múltiplo, e desenvolve seu papel representativo da favela, evidenciando no seu texto elementos construtivos da favela, território desconhecido da cidade, e a ambiguidade e desconfiança que este espaço produz, inclusive para a escritora.

Segundo a teoria Marxiana de espaço a partir de Milton Santos (2014) e Harvey (2009) que propõe, a qual uma categorização do espaço e suas dimensões como espaço absoluto, o espaço tempo-relativo e espaço-tempo relacional, compreendemos a complexidade deste conceito e sua constituição a partir das relações que o constituem e são por ele constituídas: da construção do espaço material, da representação do espaço vivido e da representação do espaço concebido para cada categoria. Remetendo ao texto de Carolina e ao prefácio de Clair, podemos elencar a construção desse espaço absoluto como este espaço material – experiências descritas a partir da construção da favela por meio das vivências, a representação desse espaço vivido por meio da escrita e o espaço concebido pelas formas de trabalho concreto da cidade formal e não formal. O espaço-tempo relativo da favela como a

falta de fluxo econômico da favela no espaço material, o espaço concebido como processo de migração e êxodo do povo para as periferias e o espaço vivido apresentado pelas dificuldades econômicas, bem como a má instabilidade e insegurança social. Por fim, o espaço-tempo relacional como o espaço material da favela é caracterizado pela falta de trabalho e as manifestações de luta pelos direitos do povo, a representação do espaço vivido da favela é caracterizado pela falta de estrutura familiar e uma relação ambígua entre os moradores, e o espaço de representação concebido são as relações econômicas dos marginalizados e as classificações sociais.

Considerando as questões abordadas acima, passaremos ao cotejo do diário de Carolina de Maria de Jesus com a tradução de David St. Clair a fim de identificarmos como a tradução da favela, por meio de elementos paratextuais, como o prefácio e posfácio, na tradução –e, dentre elas, a normatização da língua – contextualizam e modelam o texto e a recepção para o leitor de língua inglesa.

Os conceitos estruturantes para o desenvolvimento deste trabalho a partir do texto de Lefevere (2007) Tradução, reescrita e manipulação da fama literária, que aborda o pressuposto de que, na tradução, a função crítica se relaciona ao processo de leitura, recepção e circulação de textos e de autores em contexto estrangeiro, o qual se dá pelo processo de manipulação, que trata da tradução como reescrita, conceito este adotado como categoria teórica e de análise para compreender como o processo de tradução do diário da escritora propõe uma reescrita da favela.

O processo de manipulação de Lefevere (2007) fomenta a tradução como processo de reescrita que opera a manipulação de textos literários no sistema de chegada, assim, definida pelas ideologias e as questões de poder dentro desse sistema. *Quarto de despejo*, e a construção da favela por meio da tradução - uma constituição textual, os agentes escritores e reescritores podem escolher adaptar-se a esse espaço cheio de restrições, operar como leitor, escritor e reescritor desse texto e decidir opor-se às restrições do sistema literário. Carrascosa (2017), em seu texto “*Traduzindo no Atlântico negro, Cartas Náuticas Afrodiáspóricas para Travessias literárias*”, argumenta sobre a tarefa da tradução afrodiáspórica – conceito que trabalha com as ressignificações de tempo e espaço da constituição política e histórica e articula os paradigmas das contraculturas negras da modernidade no campo tradutório. No capítulo, “Traduzindo no Atlântico Negro: por uma práxis teórico-política de tradução entre literaturas afrodiáspóricas”, o qual discute as experiências afrodiáspóricas, problemas e performances da subjetivação do tradutor e o processo de embranquecimento do texto negro por meio da tradução.

Os movimentos do apagamento e “branqueamento” das características culturais e sociais de um texto negro por meio da reescrita/tradução são visíveis na operação tradutória realizada por um tradutor branco, como acontece na tradução de *Quarto de despejo* (1960), realizada por Clair. Assim, o tradutor transmite sua subjetividade social e cultural para o texto negro e constitui uma forma de ideologia mais eficaz para sua cultura. Evidenciar que as classificações e valores de uma cultura não são únicas é um trabalho que o tradutor precisa ter em mente quando escolher um texto negro para trabalhar.

Analisaremos excertos selecionados com foco na tradução da favela que tratam deste espaço como construção de relações e convivências estabelecidas entre os indivíduos, bem como o espaço físico da favela de modo a observar a reescrita da favela no texto de Carolina por meio da omissão/apagamento e explicitação/explicação feitos pela/na tradução, questões sinalizadas no prefácio pelo tradutor.

No início do prefácio, o tradutor cita primeiro parágrafo do diário de Carolina nos quais a escritora inicia descrevendo a miséria em que vive e a impossibilidade de comprar um par de sapatos para sua filha Vera, que faz aniversário, e as dificuldades encontradas devido ao alto custo de vida não tem condições de acatar. Logo após, o tradutor os apresenta a escritora como podemos ver no quadro abaixo:

Quadro 8: Prefácio, excerto: a escritora e seu texto

Child of the Dark (1962)	Tradução nossa
Thus begins this book, the diary of a simple uneducated slum Negress that has been called by critics “possibly one of the best books to come from a Brazilian in this century.” (1962, p. V)	Assim começa este livro, o diário de uma moradora de favela negra, simples e com baixa escolaridade, que tem sido chamado pelos críticos como “possivelmente um dos melhores livros vindo de um brasileiro neste século.”

Neste trecho, o tradutor elege apontar para o leitor de língua inglesa os seguintes pontos: 1. O gênero do texto: um diário que é caracterizado pela textualidade informal não utilizada pela corrente de escritores literários, a escritora adota para narrar a vivência como moradora negra na favela; 2. A caracterização da escritora: destacando raça, escolaridade e sua origem como moradora negra de favela e de baixa escolaridade, exotizando a escritora, visto que um(a) escritor(a) de sucesso perante a uma classe dominante é concebido(a) a partir de certas características – formação escolar, participante da classe social burguesa e em sua maioria homens brancos, como aponta Dalcastagnè (2007); 3. A origem do livro: Clair aponta

a nacionalidade do livro, logo, novamente seu exotismo; 4. Juízo de valor da crítica que o mesmo endossa, como surpresa: um dos melhores feitos por um brasileiro neste século que por característica própria constitui uma forma de representatividade negra como resistência na sociedade e expandiu a imagem da favela para o mundo sem usar estratégias ficcionais de escrita.

Quadro 9: A descoberta, Brasil colônia, escravização e libertação, República e favela:

Child of the Dark (1962)	Tradução nossa
Brazil is a modern paradox. Discovered by the Portuguese sea captain Pedro Álvares Cabral in 1500 (just eight years after Columbus) the land was turned into a colony of the King, who promptly started taking thing out of it rather than putting thing in. (p. V)	O Brasil é um paradoxo moderno. Descoberto pelo capitão do mar, o português Pedro Álvares Cabral em 1500 (apenas oito anos depois de Colômbia) o país tornou-se a colônia do rei que prontamente começou a explorar matéria prima do que repor no lugar. (1962, p. V)
(...) Portugal raided the coast of Africa and brought in thousands of Negro slaves. (p. VI)	(...) Portugal invadiu a costa da África e trouxe milhares de escravos negros. (1962, p. VI)
Slaves were freed in 1888 and Brazil became a republic with equal rights for all. Equal rights and freedom meant the Negro had to work for his daily ration of beans and rice, and the work was in the cities. But the work wasn't there. Not for all of them, anyway, and those who couldn't find work settled on low unwanted swamplands in São Paulo or on high hills in Rio and built their shacks. Thus the favelas, the slums, began. (p. VI)	Os escravos tiveram sua liberdade em 1888 e o Brasil tornou-se uma república com direitos iguais para todos. Direitos iguais e liberdade denotavam que os negros tiveram que trabalhar para obter sua alimentação diária de arroz e feijão, e o trabalho era localizado nas cidades. Porém, o trabalho não estava lá. Não para todos eles, de qualquer forma, e aqueles que não encontraram trabalho moveram-se para os indesejados brejos em São Paulo ou para os morros no Rio e construíram seus barracos. Assim, as favelas, os favelados, começaram. (1962, p. VI)

Fonte: a autora

No fragmento acima, o tradutor contextualiza a história do Brasil de forma sucinta para o leitor estrangeiro e, portanto, não-morador deste espaço informal. Por vez, destaca o Brasil como um paradoxo moderno, o que podemos entender pela complexidade de fatos históricos que substancialmente constituem este país, como o Brasil escravocrata e o Brasil

República, cuja política racial excludente marca o processo de modernização retomando outros espaços e formas de convivência em que o racismo estrutura espaços: a senzala, moradia dos escravos negros e a favela, morada dos marginalizados - constituídos de brancos pobres e na sua maioria negros.

A narrativa muda seu foco: do geral (Brasil, negros, a favela) para o específico, Carolina – embora a favela continue abstrata, conceito geral, e não espaço. Passando para o texto do prefácio no qual descreve o barraco de Carolina, temos.

Quadro 10: Prefácio, excerto: o barraco de Carolina

Child of the Dark (1962)	Tradução nossa
Carolina built her shack like the others there. When it rained the water came in the roof, rotting her one mattress and rusting the few pots and pans. There was a sack over the window that she'd pull for privacy and late at night she would light a small kerosene lamp "and cover my nose with a rag to take away some of the favela stench." (1962, p. IX)	Carolina construiu o seu barraco como todas as outras pessoas dali. Quando chovia, a água entrava pelo telhado, estragando o colchão e enferrujando as poucas panelas e frigideiras. Tinha um plástico na janela que ela colocava para ter privacidade e, tarde da noite ela acendia o candeeiro "e cobria o meu nariz com um pedaço de pano para não sentir o fedor da favela." (1962, p. IX)

O tradutor acrescenta a descrição da construção do barraco de Carolina, e todos os elementos que constituem este espaço interno de moradia. O barraco, espaço interno que é construído a partir de pedaços de madeira e outros materiais encontrados na rua que o pobre detém para a sua construção. A dificuldade econômica é caracterizada pela falta de utensílios domésticos, as poucas panelas apresentam-se velhas, gastas – enferrujadas. O conforto – colchão – único, ocupado por ela e todos da casa. A privacidade nesse espaço é também limitada: um cômodo só. A falta de saneamento básico é descrita nas últimas frases em aspas no qual, a escritora descreve o odor dos excrementos que são despejados ao redor e interior da favela.

Quadro 11: Posfácio, excerto: O barraco de Carolina

Robert M. Levine (2003)	Tradução nossa
She was forced to find a place to live into favela, a shantytown in which she constructed with her own hands a shack made of scavenged planks and metal. (2003, p. 178)	Carolina foi forçada a encontrar um lugar pra morar na favela, na qual construiu com suas próprias mãos o barraco feito de tábuas velhas de madeira e metal. (2003, p. 178)

Neste trecho do posfácio, Levine contextualiza a chegada de Carolina à favela, de forma semelhante à de Clair no seu prefácio. No corpo do texto Levine identifica a favela como *shantytown* – má área ou uma construção à beira da cidade, onde as pessoas pobres moram, e opta por usar uma tradução diferente de favela escolhida por Clair no prefácio, mas que o mesmo não utiliza como tradução no corpo do texto traduzido. Assim, o termo favela é mantido no texto sem tradução, indicando tanto singularidade do conceito-chave de Carolina quanto do espaço em si.

O prefácio aborda a história do Brasil em linhas gerais, então, apresenta ao leitor de língua inglesa Carolina e a favela, a última, primeiro identificada com *slum* – definida por uma área pobre e suja da cidade, tradução de favela, e indica a opção do tradutor pela posterior não tradução do termo ao longo do texto, visto que a favela é o elemento organizador do diário e logo da tradução, na perspectiva do tradutor. Passando para a análise da tradução para o inglês do texto de Carolina, temos:

Quadro 12: Excerto - favela, intraduzível

Carolina de Jesus (1960)	David St. Clair (1962)
Vinha pensando. Quando eu chegar na favela vou encontrar novidades. (p.14)	As I walked I thought – when I returned to the favela there is going to be something new. (p.4)

A favela, então, é essa metáfora-metonímia⁵ apresentada no título do texto, que pensa a cidade como uma casa de luxo e a favela como seu quarto dos fundos, escondido, um quarto de despejo, espaço onde se jogam homens e lixo, que lá se confundem como coisas imprestáveis, sem uso.

Quadro 13: Quarto de despejo

Quarto de Despejo (1960)	Child of the Dark (1962)
...As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barraco podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo . (p. 37)	At 8:30 that night I was in the favela breathing the smell of excrement mixed with the rotten earth. When I am in the city I have the impression that I am in a living room with crystal chandeliers, rugs of velvet, and satin cushions. And when I'm in the favela I have the impression that I'm a useless object, destined to be forever in a garbage dump . (p. 28-29)

Fonte: a autora

⁵ Neste contexto metáfora-metonímia se trata de uma figura de linguagem constituída por palavras e, também uma figura de palavra que está relacionada com uma relação de proximidade entre dois conceitos. No exemplo citado, a favela é uma figura de linguagem descrita em um conceito dito/relacionado pela autora Carolina Maria de Jesus.

Na tradução de David St. Clair o título foi traduzido para *Child of the Dark*. De modo literal, este título pode ser traduzido como “Criança da escuridão”, sendo que a preposição *of* não indica origem como *from* apresenta, mas pode apontar relações diversas como criança feita de – *of* Dark, ou *of* como posição – que expressa pertencimento ao lugar. Esta reescrita do título pode ser compreendida como o destaque a uma característica apontada por Carolina em seu diário: Carolina descreve o ambiente, a vida social e as condições de vida do favelado como uma vida miserável e obscura (talvez uma associação com *Heart of Darkness*, de J. Conrad, nos perguntamos) e que eles já moravam na porta do inferno.

Quadro 14: Relação social

Quarto de despejo (1960)	Child of the dark (1962)
Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos para fora. A D. Rosa, assim que viu o meu filho José Carlos começou impricar com ele. Não queria que o menino passasse perto do barracão de lá, saiu com um pau para espanca-lo. (p.16)	I returned to a hell. I opened the door and threw the children outside. Dona Rosa, as soon as she saw my boy José Carlos, started to fight with him. She didn't want the boy to come near her shack. She ran out with a stick to hit him. (p. 7)

Nesse espaço, a favela, a precariedade, a carência e a falta são constitutivas das vivências diárias nas mais diversas dimensões, e uma das questões abordadas por Carolina é a da fome:

Quadro 15:A fome

Carolina de Jesus (1960)	David St. Clair (1962)
16 de Maio eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer. ... Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro? Um leito em Campos do Jordão. Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos. 17 de Maio Levantei nervosa.com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava	May 16I awoke upset. I wanted to stay at home but didn't have anything to eat. I'm not going to eat because there is very little bread. I wonder if I'm the only one who leads this kind of life. What can I hope for the future? I wonder if the poor of other countries suffer like the poor of Brazil. I was so unhappy that I started to fight without reason with my boy José Carlos. (p.25)

discontente que até cheguei a brigar com o meu filho José Carlos sem motivo. (p. 34)	
--	--

Na tradução, St. Clair (1962) opta por fundir duas entradas do diário, com datas distintas, em uma só: o tradutor omite o trecho por nós destacado com negrito a Carolina expressa à aqueles que considera responsáveis pela pobreza dos que viviam na favela: os nomes citados – Janio governador em (1955-1958), Adhemar prefeito da cidade de São Paulo (1957-1961) e Juscelino presidente do Brasil no mandato de (1956-1961). Na sua escolha, o tradutor elimina as referências culturais brasileiras trazidas por Carolina, e a agenda local, privilegiando uma pobreza abstrata e universal e as reflexões de Carolina bem como – *I wonder, I wonder*. Contudo, nessa omissão, o tradutor omite não apenas isso, mas outra questão central: a fome de Carolina e sua contiguidade com todas as demais faltas e carências da favela não é pontual, circunscrita a uma entrada de diário, a um dia; é uma fome que atravessa dias e que funda a sua reflexão sobre o pobre e a favela como esse quarto de despejo, onde fica o sem uso, o que não serve mais.

Esse apagamento está presente também no prefácio do tradutor, como pudemos apontar, no modo como a história do Brasil é condensada e a história da favela como espaço é contada: a responsabilização está no processo histórico, despersonalizada e, portanto, embora não haja responsáveis pela miséria humana, há vítimas – parece ser a lógica.

Essa estratégia de condensação das entradas do diário ocorre em outros trechos da tradução, como no exemplo abaixo:

Quadro 16: relações e vivências

Carolina de Jesus (1960)	David St. Clair (1962)
10 de Maio Eu não dormi porque o vizinho tocou o radio toda a noite. E a L. fez um fuá dos diabos. Ela estava dormindo com o Valdemar quando o Arnaldo Chegou. Era 2 horas. O Arnaldo dizia: -- Vai embora, Valdemar! A negra é minha! O Valdemar respondia: -- a negra é nossa! Eu cheguei primeiro. 12 de Maio ... Eu fui na Dona Julia e ela deu-me café e arroz. Quando eu retornava encontrei com a Dona Maria, aquela que cata papel na fabrica de pudim. Ela disse-me que roubaram-lhe um saco de papel. Fiquei com dó. Encontrei com o capitão. Perguntei-lhe porque havia abandonado o seu lar. Ele disse-me com a voz triste:	May 10 I went to Dona Julia, and she gave me coffee and Rice. When I was returning I met Dona Maria, that one who looks for paper at the gelatin factory. She told me that someone had stolen a sack of paper from her. I felt sorry. I met the Captain. I asked him why he left home. He answered me in a sadvoice: (p.154)

(p.146-147)

Nessa passagem do texto percebemos uma remoção de uma entrada que descreve um diálogo entre homens em conflito por causa de uma mulher. O tradutor omite o texto e o diálogo por nós destacado em negrito, mas mantém a data, omitindo a data da entrada posterior, dia 12 de maio, que passa ocupar o dia 10. Esta modificação afeta diretamente a construção da favela na tradução, pois a entrada e o diálogo removidos causam empobrecimento da favela como espaço de relações e vivências.

Essas omissões se dão ao longo da tradução e atingem os elementos que concretizam o texto – nomes próprios, eventos dentre outros – tornando a tradução mais abstrata, logo mais fluente para público estrangeiro. No trecho selecionado novamente a estratégia é utilizada pelo tradutor:

Quadro 17:Relações culturais

Carolina de Jesus (1960)	David St. Clair (1962)
Eis que estava escrito no jornal do dia 26 de junho de 1958? “ZUZA, PAI DE SANTO, EM CANA “Zuza” está em cana desde ontem, pois ele, que se chama na realidade José Onofre, e tem uma aparência realmente importante, mantinha para lucros extraordinários uma tenda de Umbanda no Bom Retiro, a Tenda Pae Miguel Xangô. É também diretor de uma indústria de cadeiras suspeita de irregularidades na Delegacia de Costumes. “Zuza” (foto), foi autuado em flagrante.” (p.66)	Removido pelo tradutor.

Esta entrada narra um acontecimento: a prisão de um homem que residia na favela. A prisão se dá em meio à narrativa de Carolina sobre os festejos de São João e seu elemento religioso sincrético, concretizado na umbanda. O tradutor omite esse ponto cultural bem como dimensão racista que produz a favela como quarto de despejo: a repressão das religiões de matriz afro pelo *establishment* (a polícia, a imprensa, os donos do poder) é um aspecto peculiar que o negro e suas vivências ocupa na cidade/sociedade, no despejo e na infâmia.

Quadro 18: Relações externas

Carolina de Jesus (1960)	David St. Clair (1962)
E naquela confusão a mulher do Chó desapareceu igual fumaça. Outra coisa que observei hoje – noite de São Pedro. O que observei na favela e não está certo é isto: tem um soldado vulgo Taubatê. É o predileto de algumas mulheres aqui na favela. Ele passa as noites aqui. O soldado é turbulento. Que bom se o tenente retirasse este soldado da favela. Qualquer coisa pra ele, é tiro. Já feriu dois na favela. (p.68)	In that confusion Chó's woman vanished like smoke. Another thing I saw today – St. Peter's day. What I saw in the favela and is not right is this: there is a soldier here named Taubatê. He is the favorite of some women here in the favela. The soldier is dangerous. It would be a good thing in the lieutenant would remove this soldier from the favela. The slightest thing with him and he shoots. He's wounded two in the favela. (p.69)

Neste parágrafo percebemos a omissão de uma frase. Uma das características descritas por Audálio é que o texto de Carolina contém uma repetição excessiva sobre os fatos que aconteciam neste espaço, sendo muitas para confirmar as ações cotidianas. A repressão policial, vertente do racismo institucional, é marcada no texto, no qual evidencia as práticas desse movimento racial caracterizado pela opressão do pobre marginalizado neste espaço, que apresenta pelo poder de calar manifestações contra a oposição públicas, sociais e religiosas – uma subversão e dissidência ao regime estabelecido.

Quadro 19: Repressão policial

Carolina de Jesus (1960)	David St. Clair (1962)
...Na rua B, na casa do extinto senhor Sebastião Gonçalves fizeram uma fogueira. Eu fiquei sem sono porque eu não posso beber álcool. E eu bebi quentão. Apareceu a R. P. 44. Eu segui os guardas. Como eu já expliquei, os nortistas falavam tanto que ninguém compreendia. (...) Os guardas foram-se. E eu saí da Rua A e fui para a Rua B. Sentei perto da fogueira. Todos falavam. (p.68)	On "C" Street, in the house of the late Senhor Sebastião Gonçalves, they made bonfire. I got sleepy because I can't drink alcohol. And I drank quentão. The police from station 44 showed up. I followed them. As I've already explained, the nortistas talk so much that nobody understands anything. The police went away. I left "A" Street and went to "B" Street. I sat close to the fire. Everybody was talking. (p.69)

Observamos que o parágrafo acima narra os festejos de São João e, na descrição do espaço estava ela explicava os fatos que aconteciam na favela em forma de sequência

quebrada das ruas nomeadas de rua A B e C, a autora contava os fatos ocorridos na favela e na tradução o tradutor corrigiu a sequência incorreta das ruas tentando dar um sentido aos acontecimentos.

O objetivo deste trabalho foi identificar como a reescrita da favela ocorre na tradução de Quarto de despejo de David St, Clair. Para tanto, analisamos comparativamente excertos do prefácio e os excertos do texto de Carolina à luz dos conceitos de: 1. Dalcastagnè (2007), que trata da representatividade negra na literatura e evidencia que o campo literário é marcado pela classe dominadora – em sua maioria homens brancos da classe alta; 2. Lefevere (2007), que aborda sobre a reescrita, uma abordagem cultural dos estudos da tradução que se dá por meio do processo de manipulação do texto literário adotado neste trabalho como base teórica e de análise; 3. Gonçalves & Nascimento (2011), que caracterizam o espaço/ favela como um espaço de relações conflituosas e acentuam as relações do sujeito e território; 3. a teoria Marxiana de espaço a partir de Milton Santos (2014) e Harvey (2009) que expõe as dimensões de espaço a partir das relações e vivências de espaço e sujeito. Estes aportes aliados à análise comparativa da tradução nos propiciaram identificar algumas das estratégias de tradução utilizadas pelo o tradutor, como a contextualização da favela para o leitor estrangeiro bem como a normatização da língua na escrita de Carolina e o apagamento de questões culturais, políticas e sociais marcadas no texto de Carolina.

O tradutor aponta o Brasil como um paradoxo moderno, buscando em sua leitura histórica condensada a chave para o texto de Carolina e sua relevância: o retrato da exclusão racial e econômica que separa o pobre da cidade oficial e os coloca sobre a margem da sociedade, tornando-os periféricos e invisibilizados, no espaço-metonímia da favela.

Os excertos selecionados e analisados evidenciaram as estratégias de tradução que o tradutor elegeu para o texto de Carolina: realizou a omissão de trechos relevantes que caracterizam a favela como elementos culturais, afro religiosos de caráter brasileiro originadas da cultura afro trazidas para o Brasil pelo processo de diáspora e escravização; elementos sociais caracterizados pela divisão econômica, repressão policial de movimentos sociais do indivíduo nas lutas cotidianas; o racismo institucional concebido pelos sistemas de manutenção da desigualdade racial.

Este trabalho possibilitou a compreensão do texto, quando traduzido para uma língua e público estrangeiros, constrói outro tipo de textualidade a partir de uma agenda da comunidade leitora da língua de chegada, e a relevância de se recuperar a estética negra das produções literário-culturais, visto que a construção ética de um tradutor branco que subjetivamente trabalha com um texto negro propõe na sua experiência subjetiva e na escolha

tradutória o branqueamento do texto de Carolina, evidenciado nas omissões: é preciso outra epistemologia para as textualidades negras.

A relevância deste trabalho está no fato de revisitar/ trabalhar uma tradução antiga que ainda está em circulação, tradução esta produto de uma perspectiva histórica do Brasil /favela da década de 60, que traz marcas das relações e questões que pautam as relações entre Estados Unidos e Brasil. Frisamos que não há tradução recente do texto de Carolina para leitor de língua inglesa, contemporâneo, e chamamos atenção, com Carrascosa (2017) que é preciso, ou são precisas, traduções afrodiaspóricas e outros para este texto, a partir de uma ética e epistemologia negras.

Esta pesquisa contribui, sobretudo, para a área de literatura comparada, e para os estudos da tradução e recepção desta narrativa ficcional de uma escritora brasileira como Carolina de Jesus para a língua inglesa a partir de uma visada afrodiaspórica ao analisar a tradução em circulação para o público leitor de língua inglesa de uma tradução realizada por um tradutor não-morador deste espaço, que reescreve a favela, o diário e a escritora negra, brasileira, reproduzindo e consolidando, em seu texto, identidades culturais e estereótipos que precisam ser desafiados, revistos, ressignificados.

4 ESTÁGIO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Por que nós escolhemos ser professor? Cada posicionamento que nos levam a questionar-se sobre o fato de iniciar a carreira decência possa ter diferentes pontos de partida. Do simples sonho de criança – quero ensinar, a uma indagação que surgiu quando percebeu a precariedade que o ensino possa se encontrar, até a certeza de cursar um curso voltado para a pedagogia ou a licenciatura, com o objetivo central de ensinar no ato de dar e receber conhecimento.

O objetivo central deste memorial de estágio é expor minhas memórias e experiências reflexivas sobre o Estágio Supervisionado, disciplina da grade curricular do Curso Licenciatura Letras, Língua Inglês e Literaturas, que prepara o aluno para a prática docente. Neste memorial irei apresentar um panorama sobre os dois últimos estágios: Estágio III – teve por objetivo realizar a intervenção, estagiar dentro da sala de aula na rede pública ou privada do Fundamental II, com o auxílio do professor regente na conduta das aulas que teve por objetivo analisar comparativamente como é reescrito à desigualdade racial descrito na obra original *Quarto de Despejo* (1960) escrito pela autora Carolina Maria de Jesus, com a obra traduzida *Child of the Dark* (1962) por David St. Clair. Por fim, o Estágio IV – o foco principal deste memorial, que teve como objetivo analisar a produção escrita em língua inglesa da coletânea de produções textuais que trata das vivências sociais e esferas comunicativas dos alunos do 1ª e 3ª ano do ensino médio para operar a intervenção na rede pública ou privada do Ensino médio, e ensinar com o auxílio do professor regente por um determinado período.

Neste memorial apresentarei o principal eixo organizador deste projeto de ensino: os recursos didáticos como mecanismo para lecionar a língua inglesa e como os mesmos podem influenciar no desenvolvimento cognitivo do aluno. Antes de entrar na sala necessitamos ter um plano de aula para termos consciência sobre o que vamos aplicar para os alunos, mas principalmente ter um plano B para executar caso o plano atual não funcione da maneira planejada, o que se resume na ação humana do professor. Para Selma Pimenta e Maria Lima em seu artigo Estágio e docência: diferentes concepções apresentam.

Em sentido amplo, ação designa a atividade humana; o fazer, um fazer efetivo ou a simples oposição a um estado passivo. Entretanto, em uma compreensão filosófica e sociológica, a noção de *ação* é sempre referida a objetivos, finalidades e meios, implicando a consciência dos sujeitos para essas escolhas, supondo um certo saber e conhecimento. (SELMA PIMENTA, MARIA LIMA, 2006. p.12).

O movimento da ação humana reflete nos objetivos que são traçados pelo indivíduo antes de executar, e principalmente pelo professor quando decide qual material teórico/didático usar na sua prática, visto que tal escolha do profissional da educação interfere na ação do sujeito/aluno receptor que efetua a ação aplicada pelo professor. Numa visão geral, o material didático que o professor utiliza na sala de aula interfere de diferentes formas no desenvolvimento do aluno, e consequentemente provoca uma reação num conjunto múltiplo de possibilidades de escolhas para o sujeito que está em processo de aprendizagem.

3.1 ESTÁGIO III – Intervenção no Ensino Fundamental

A produção desse projeto nunca foi tão prazerosa na construção. Tendo em mente meus objetivos e o recorte principal do estágio que foi trabalhar com os recursos didáticos, e considerando o bom desempenho que obtive no estágio II, me desafiei a escolher uma textualidade diferente para o ensino de língua inglesa. Trabalhar com a literatura afro-brasileira, com o foco na obra *Quarto de Despejo* (1960) da autora negra Carolina Maria de Jesus, objeto de pesquisa que desenvolvi financiado pelo Programa Afirmativa – PROAF que teve por objetivo o cotejo e análise para identificar como a favela é reescrita na tradução *Child of the Dark* (1962), traduzido pelo tradutor David St. Clair. A relevância deste trabalho compreende-se que textualidades negras e temas sociais, culturais e históricos num contexto afro-étnico só têm concentração discursiva quando se aproxima o novembro negro no qual celebra a consciência negra, e trazer esta textualidade para trabalhar fora da data temática é um ganho fundamental para as discussões no decorrer das aulas.

O objetivo deste projeto foi analisar as questões sociais pela perspectiva do diário da autora Carolina. O projeto foi intitulado de “AFROCENTRICIDADE EM QUARTO DE DESPEJO: ANÁLISE DO MUNDO E DA OBRA SOBRE A PERSPECTIVA DOS ALUNOS DO 9ª ANO – FREI JOSÉ”. O objetivo geral deste projeto teve por analisar comparativamente como é reescrito à desigualdade racial descrito na obra original *Quarto de Despejo* (1960) escrito pela autora Carolina Maria de Jesus, com a obra traduzida *Child of the Dark* (1962) por David St. Clair, e compreender a conexão do continente Africano com Brasil sob os aspectos dos problemas sociais/ raciais de ambos.

A relevância desta temática se deu pelo fato de pensar sobre a produção e circulação de objetos culturais na contemporaneidade e trabalhar de forma crítica nas escolas, para que os alunos fomentem sua opinião crítica sobre fatos sociais, raciais, étnicos, culturais e históricos decorrentes no nosso país.

Em defesa, a escola tem como objetivo traçar e fomentar uma discussão crítica sobre o tema “África” e as projeções que tornam nosso país tão semelhante às características culturais e problemas sociais deste continente. Para isso, este projeto tem como determinação trabalhar conjuntamente com a discussão dos problemas que a desigualdade racial projeta na vida do brasileiro, e principalmente deste aluno em formação continuada que deve se conscientizar sobre todos os fatos e como intervir na erradicação das práticas de racismo.

Por se tratar de um tema social relevante, justifica-se trabalhar com o cotejo das obras para sinalizar um enfoque maior para o aprendizado das habilidades essenciais no aprendizado da língua inglesa. Como habilidades comunicativas – falar, escrever, ler, ouvir – está em destaque no documento sobre as orientações curriculares do ensino fundamental para a Língua inglesa, que objetiva a aquisição de língua estrangeira por meio de conteúdos que possam ser mobilizados em situações que exijam um conhecimento sistêmico de mundo, para a organização textual no processo de aprendizagem do aluno.

Primeiro, em dimensões de conhecimento para aquisição de língua estrangeira, a interação social, o conhecimento que se inicia através da escrita, leitura e inclusão digital tende para apontar uma construção de significado para valoração do conhecimento de mundo, que, de um modo interdisciplinar influência na aprendizagem de língua inglesa, o que contribui bastante para o currículo e para o aluno.

A aprendizagem de língua estrangeira no Ensino Fundamental não é só um exercício intelectual de aprendizagem linguística em um código diferente, mas uma experiência de vida, pois amplia as possibilidades de agir discursivamente no mundo para aprender, fazer, conhecer em projetos multidisciplinares o desenvolvimento de suas múltiplas inteligências com o contato com a língua estrangeira.

Assim, pretendeu-se analisar como a desigualdade racial é abordada na obra da escritora Carolina Maria de Jesus intitulada de Quarto de Despejo 1960, mas principalmente como é transposta para a língua inglesa na tradução *de Child of the Dark* (1962) de David St. Clair. Os alunos além de desenvolver sua opinião crítica sobre o tema irá ter foco na tradução da obra, visando identificar como a desigualdade racial é discutida para os nativos de língua inglesa e, assim, realizar um trabalho de exploração da língua para desenvolver a aquisição de vocabulário, interpretação e comunicação oral/ escrita com o auxílio deste texto na língua alvo e dos assuntos gramaticais e textuais que a disciplina irá desenvolver nesta unidade.

3.2 PROJETO DE PESQUISA – PROAF, ESTÁGIO e TCC

Este projeto de intervenção da disciplina de Estágio Supervisionado III foi um desdobramento do projeto de pesquisa vinculado a PROAF – Pró-reitoria de Ações Afirmativas. Intitulada de *Reescrevendo Carolina: uma análise da reescrita da favela na tradução de Quarto de Despejo*, essa pesquisa teve como objetivo analisar como é feita a reescrita da favela para o leitor de língua inglesa. Desta forma, este projeto de pesquisa “mãe” é o projeto central da pesquisa de TCC para a conclusão de curso. Assim, este projeto de estágio teve como objetivo analisar a desigualdade racial descrita na obra *Quarto de Despejo*(1960), da autora Carolina Maria de Jesus, para identificar em trechos selecionados da obra que abordem sobre este problema social, e evidenciarmos possíveis soluções, atitudes e sugestões de erradicação do racismo por meio da escrita. A relevância deste trabalho se dá ao fato trabalhar um gênero textual escrito por uma autora negra brasileira e firmar uma conexão com o tema da terceira unidade letiva.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) os recursos didáticos são redefinidos como objeto de condução dos conteúdos, propondo novas maneiras de abordá-los tornando essenciais as compreensões das relações entre sujeitos e os conteúdos viáveis. O objetivo maior no Ensino Fundamental é proporcionar ao aluno uma formação básica que depende do ambiente escolar, dos profissionais que o cercam e, sobretudo os recursos didáticos utilizados em sala de aula que conduzem o aprendizado, desenvolvimento e compreensão do aluno.

O produto final na sua primeira fase, foi escrito em língua portuguesa e no segundo momento da oficina de tradução dessa produção, no qual identificamos muita dificuldade e afastamento dos alunos que tinha como justificativa a dificuldade em traduzir ou escrever em inglês. No mais, a apresentação da autora Carolina e sua obra – discussão dos alunos e relação com a desigualdade racial e os outros elementos de desigualdade da sociedade que permeiam a vida do ser humano, foi imprescindível para a produção dos alunos no processo de antes, durante e produto final.

A experiência sobre usar uma textualidade negra dentro da sala de aula tem seu lado positivo, porém apresenta algumas dificuldades quando se trata de trabalhar com literatura sendo que uma grande parte dos alunos não são leitores desse eixo temático. Considerando os ganhos com a execução do estágio III irei manter esta textualidade para trabalhar no último estágio.

3.3 ESTÁGIO IV – Intervenção no Ensino Médio

A produção escrita deste projeto de intervenção tem vínculo com o estágio anterior, que discute a textualidade negra como a obra *Quarto de Despejo* (1960). Neste projeto não trago Carolina Maria de Jesus e sua obra como eixo organizador da minha intervenção, mas reflete nos objetivos desse projeto, visto que a autora realizou a denúncia e discussão escrita de problemas sociais de sua época, os alunos executaram a mesma tarefa que a autora realizou em seu diário. Por meio da escrita os alunos discutiram e denunciaram problematizando a realidade social que estão inseridos, com foco no seu lócus - Jacobina.

A temática deste projeto promoveu a construção escrita de uma coletânea de produções textuais que discutir e problematizar a vivência social do aluno do 1ª e 3ª ano nas suas derivadas esferas comunicativas, definidas por meio da interconexão de assuntos/temas interdisciplinares do livro didático correlacionados com o contexto da vida real, para o desenvolvimento da competência comunicativa escrita em língua inglesa. O projeto teve como objetivo analisar a produção escrita em língua inglesa da coletânea de produções textuais que trata das vivências sociais e esferas comunicativas dos alunos do 1ª e 3ª ano do ensino médio, que oportunizou um processo de escrita e reescrita estabelecendo um diálogo interdisciplinar, a partir dos temas trabalhados e dos problemas sociais nas vivências individuais dos alunos.

A culminância deste projeto se deu com a discussão dos temas sociais relevantes, que foram discutidos no decorrer das aulas. O objetivo deste projeto teve por analisar a construção escrita de uma coletânea de produções textuais que apresentou diferentes facetas escritas das vivências sociais dos alunos do 1ª e 3ª ano do Ensino Médio, que, a partir da construção escrita delimitada pelos conteúdos do livro didático, bem como a correlação desses temas com o contexto dos problemas sociais, havendo uma junção das produções escritas processuais dos alunos a cada atividade solicitada, para produzir o este gênero textual informativo.

Os itens que compõem a coletânea de produções textuais são definidos por gêneros textuais informativos que por meio da narrativa textual tem o papel de veicular a informação da sociedade. Assim, os temas selecionados a partir da leitura do livro didático que os alunos desenvolveram uma escrita correlacionando com os problemas sociais para compor esse gênero textual foram: doação como um meio de fazer a diferença, a importância de lutar contra o preconceito e a discriminação, a importância de ter um estilo de vida saudável, protegendo nosso planeta e a importância da educação. Os temas apresentados anteriormente

foram desenvolvidos por meio da escrita textual – cartas, dissertação e portfólio de conscientização, correlacionadas com o contexto da vida real dos alunos.

A relevância deste trabalho se dá pelo fato de pensar e refletir sobre os temas importantes da sociedade que foram fundamentalmente abordados na disciplina de língua inglesa, por meio de textos informativos como forma de conscientização social e trabalho conjunto para a explanação e aprendizado das competências de aquisição na língua estrangeira.

Cientes da importância de aprender e, sobretudo pôr em prática a escrita em língua inglesa, neste sentido o aluno na sua prática compreendeu os elementos textuais ponderado de crítica para a produção escrita num viés de imitação, reprodução e elaboração do seu próprio modelo contendo uma análise crítica dos problemas sociais que os circundam, num processo de seleção daquilo que consideram relevantes discutir entrelaçado no contexto geral da sociedade sem abrir mão dos questionamentos e posicionamentos sobre os problemas sociais locais. Este exercício de escrita em língua inglesa num viés denunciativo/informativo a escritora Carolina de Jesus se deteve para escrever o seu diário.

5 CONSIDERAÇÕES - E AGORA?

Este trabalho de conclusão apresenta as pesquisas desenvolvidas durante o curso, no formato memorial multipaper. O objetivo deste trabalho foi apresentar as primeiras pesquisas realizadas, com o intuito de identificar como ocorreu o meu processo de aproximação com as produções da autora negra Carolina Maria de Jesus. Na introdução deste memorial apresentei o percurso da minha formação leitora – nas minhas ondas memórias da infância que apesar de ter vivido um período repleto de problemas familiares, sofrido o racismo velado e pela falta de oportunidade a ter acesso a leitura que vai além do livro didático, nunca deixei de idealizar o desejo sobre a leitura dos diversos gêneros literários. Nas minhas ondas memórias do ensino fundamental e médio, que me conduziram ao reconhecimento das minhas raízes esquecidas e das lembranças excessivas que hoje fomentam o meu fortalecimento e constituição da minha identidade negra, e, conhecimento das oportunidades que surgiram quando descobri a possibilidade de cursar uma universidade no rompimento da geração da mulher negra dona de casa (mulher negra dona de casa sem a oportunidade de ter uma graduação em alguns casos dependente de terceiros) numa futura formação profissional. As minhas ondas memórias da graduação que parte do questionamento Estou no curso certo? – uma indagação ocasionada pela falta de conhecimento e insegurança dentro de um curso de letras inglês, a vontade de desistência resultado da primeira indagação, e, meu processo de formação leitora que desenvolveu-se graças a entrada no Grupo Desleitura, tendo como partida o desenvolvimento da pesquisa voltada para tradução/reescrita de uma textualidade negra.

O meu processo de amadurecimento como pesquisadora negra continua em processo ininterrupto, e como resultados dessa formação produzi o primeiro artigo apresentado na primeira seção teve como finalidade a reescrita da autora produzida pela crítica acadêmica a partir dos anos 2000, expondo quais foram os principais temas destrinchados pelos acadêmicos para o público leitor brasileiro. O meu desenvolvimento como leitora impactou no processo de pesquisa do objeto em questão – a obra Quarto de Despejo (1960), visto que a descoberta pela literatura afro-brasileira e especificamente das obras escritas por Carolina de Jesus aconteceu dentro do meio acadêmico.

O segundo passo dessa pesquisa, foi produzir um artigo que aborda sobre quais são as universidades que apresentam uma produção sobre a reescrita da autora identificando os autores e seus trabalhos. Na segunda fase, juntamente com a orientadora Juliana Salvadori submetemos um projeto de pesquisa para o Programa Afirmativa, minha primeira pesquisa desenvolvida no eixo da tradução que teve como objetivo analisar a reescrita da favela na

tradução de *Child of the Dark* (1962), e como fruto desse projeto foi executado a produção de um artigo com a análise dessa reescrita.

Este trabalho apresenta uma relevância para o meio acadêmico, levando-se em conta o valor social sobre pesquisar as escritas e reescritas de Carolina Maria de Jesus no contexto contemporâneo atual viabiliza a aproximação do leitor brasileiro que não conhece a profundidade do trabalho da autora.

A evolução deste trabalho possibilitou o reconhecimento do meu desempenho como leitora e pesquisadora na área da literatura afro-brasileira e que não será finalizada após a graduação. Procuro atingir maturidade para ter plenos poderes para desenvolver atividades que possam beneficiar minha rede de trabalho e almejar um mestrado para continuar minha pesquisa com legitimidade. Como professora compreendo minha missão de ensinar e receber conhecimento.

A seguir apresento os trabalhos futuros com o objetivo de dar continuidade ao trabalho desenvolvido na graduação: produção de um artigo sobre o mapeamento de escritoras negras brasileiras traduzidas para o inglês, artigo de vivência apresentando as memórias de formação no projeto de extensão #Leia mais mulheres do qual fui bolsista, publicação do memorial do estágio de formação, participação no III Colóquio Desleituas e mestrado em literatura afro-brasileira.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Aline Alves. **Carolina Maria de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito**. Belo Horizonte, 2015.
- CARRASCOSA, D. (Org.). **Traduzindo no atlântico negro: cartas náuticas afrodiaspóricas para travessias literárias**. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2017. 220p.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- CARVALHAL, Tânia. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 2006.
- DALCASTAGNÈ, R. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de hoje**, v. 42, n. 4, 2007.
- DALCASTAGNÈ, R. O lugar da fala. In: DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2012, p. 17-48.
- GONÇALVES, A. B. R. Favela espaço e sujeito: uma relação conflituosa. **IPOTESI**, Juiz de Fora, v.15, n.2, p.51-62, julho/dez. 2011.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMJ, 2003, p.25-126.
- HALL, S. **A identidade cultural da pós- modernidade**. 10. ed. DP&A editora.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo, políticas arrebatadoras**. Tradução Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- JESUS, M. Carolina, “**Child of the Dark, The Diary of Carolina Maria de Jesus**”. Traduzido do Português por David St. Clair. Direitos da tradução em Inglês E. P. Dutton, a division of Penguin Group (USA) Inc., and Souvenir Press, Ltd., London, 1962.
- JESUS, Maria Carolina. **Quarto de despejo**. Edição popular, 1960.
- LEFEVERE, A. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.
- PATROCÍNIO, P. R. T. A “**Não-cidade**”: A favela vista pelos cronistas do início do século XX”. *Transversos*. Rio de Janeiro, v. 03, n.03, out. – mar. 2014/2015. Disponível em <http://www.transversos.com.br>
- SARDENBERG, Cecília M. B. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. NEIM/UFBA. Salvador Bahia, 2009
- VENUTI, L. **Escândalos da tradução**. Bauru: EDUSC, 2002.

APÊNDICE

REVISÃO SISTEMÁTICA

CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES

Partindo da presente pesquisa REESCREVENDO CAROLINA: UMA ANÁLISE DA (DES)CONSTRUÇÃO DA FAVELA NA TRADUÇÃO DE *QUARTO DE DESPEJO*, que pretende investigar a tradução da obra *Quarto de Despejo* (1990), da autora brasileira Carolina Maria de Jesus, a partir da tradução para a língua inglesa intitulada de *Child of the Dark* (1962), traduzida por David St. Clair. Fazendo o estado da arte acerca da temática que envolve a tradução do texto de autoria negra em um eixo afrodiaspórico, esta revisão sistemática tem como objetivo mapear as áreas de interesse desta pesquisa e do objeto. O levantamento de produção acadêmica será realizado no site Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES trabalhos relacionados a esta pesquisa. Para a realização do mapeamento foi exigido alguns critérios de seleção: 1) trabalhos que sejam desenvolvidos no período de 2000 a 2018; 2) produções em língua portuguesa e língua inglesa; 3) Seja da área de conhecimento em Letras; 4) identificar o tema de interesse no título ou no resumo. Como critérios de exclusão: 1) trabalhos indisponíveis para leitura; 2) incompatibilidade apresentada no título, tema e resumo; 3) aqueles que não tenham relevância com o tema deste trabalho. Elencamos 9 (nove) descritores, são eles: “Carolina Maria de Jesus”; “Carolina de Jesus”; “Quarto de Despejo”; “Child of the Dark”; “David St. Clair”, bem como os descritores compostos “Carolina de Jesus” AND “Tradução”; “Quarto de Despejo” AND “tradução”; “reescrita” AND “Quarto de Desejo”; “favela” AND “Quarto de Despejo”.

Iniciando os trabalhos, começamos pelo Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, no qual inserimos o primeiro descritor “Carolina Maria de Jesus” em que obtivemos no total de 60 resultados, refinamos com o filtro temporal disponível no catálogo de 2012 a 2016, área de conhecimento letras, e obtivemos no total de 3 trabalhos encontrados. Partimos para o próximo descritor “Carolina de Jesus” e encontramos o total de 25 trabalhos, refinamos a área de concentração em estudos da tradução e obtivemos 1 trabalho encontrado. Com descritor “Quarto de Despejo” 46 trabalhos, com o refinamento da área de conhecimento em Literatura brasileira 2 resultados. Com o descritor “child of the dark” encontramos 7 resultados.

Com o próximo descritor “David St. Clair” tivemos 1 trabalho encontrado, no qual o mesmo foi selecionado no descritor anterior entre os 7 trabalhos encontrados. Em seguida, adicionamos o descritor “Carolina de Jesus” AND “tradução” e obtivemos 2 trabalhos. O descritor “Quarto de Despejo” AND “tradução” foram encontrados 6 trabalhos. Com o descritor “reescrita” AND “Quarto de despejo” obtivemos 702 resultados, com o refinamento temporal de 2000 a 2018, área de concentração Estudos Literários tivemos o resultado de 12 trabalhos. Por fim, adicionamos o descritor “favela” AND “Quarto de despejo” e tivemos 1425 resultados, com o refinamento temporal de 2013 a 2017, filtro este disponibilizado pelo catálogo, áreas de conhecimento Educação tiveram 18 resultados. Para melhor apreciação no quadro 1 abaixo:

Quadro A1: Relação de resultados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES			
Descritores	Filtros	Total encontrado	Trabalhos relacionados
Carolina Maria de Jesus	Recorte temporal de 2012 a 2016, área de conhecimento Letras	3	1
Carolina de Jesus	Área de concentração estudos da tradução	1	1
Quarto de Despejo	Área de conhecimento Literatura brasileira	2	-
Child of the dark	-	7	1
David St. Clair	-	1	-
Carolina de Jesus AND tradução	-	2	-
Quarto de despejo AND tradução	-	6	-
Reescrita AND Quarto de despejo	Recorte temporal de 2000 a 2018, área de concentração Estudos Literários	12	-
Favela AND Quarto de despejo	temporal de 2013 a 2017, área de conhecimento Educação	18	-

Fonte: pesquisa realizada dia 20 de julho de 2018, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Os resultados do levantamento realizado no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES apresentou um grande número de pesquisas encontradas usando os descritores específicos acima, porém, a quantidade de trabalhos que contemplem a área da tradução relacionada com a pesquisa e os objetos expostos aqui, demonstram uma limitação de

pesquisas realizadas que envolva os objetos em questão. Para uma melhor contemplação das teses e dissertações selecionadas, quadro abaixo:

Quadro A2: <i>Referente aos descritores no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES</i>			
Descritor	Autor (a)	Tipo	Título
Carolina Maria de Jesus	PONTES, Renata Tiago	Tese	Opressão, resistência e ativismo: o desafio da tradução de textos afro-descendentes em Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus, Lucy de Jamaica Kincaid e Passing de Nella Larsen'
Carolina de Jesus	SANTOS, Raquel Alves Dos	Dissertação	Do exotismo à denúncia social: sobre a recepção de Quarto de despejo, de Carolina Maria De Jesus, na Alemanha'
Child of the Dark	CAPELETT, Patricia Cristina	Dissertação	Análise de marcadores culturais em quarto de despejo e casa de alvenaria e as respectivas traduções, à luz dos estudos da tradução baseados em corpus.

Produção própria. 20 de julho de 2018.

Com uma busca definida no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, realizamos o estado da arte acerca das teses e dissertações que contemplam a área da tradução e tem uma relação direta com este trabalho. A partir desta busca refinada foi realizada uma leitura dos resumos de cada trabalho, como o intuito de identificar os objetivos de cada pesquisa, e, apontar uma aproximação com o objeto de pesquisa que aqui se trabalha:

Quadro A3: <i>Referente aos trabalhos encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações</i>	
Categoria	Descrição
Ano	2015
Título	Opressão, resistência e ativismo: o desafio da tradução de textos afro-descendentes em Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus, Lucy de Jamaica Kincaid e Passing de Nella Larsen'
Autor (a)	Pontes, Renata Tiago.
Objetivo	Analisar como a representação da identidade afro-descendente se manifesta em Quarto de despejo da brasileira Carolina Maria de Jesus, Lucy da estadunidense Jamaica Kincaid e Passing da estadunidense Nella Larsen e em suas traduções a partir do viés intercultural dos Estudos de Tradução.
Categorias de análise	Não identificado no resumo.
Metodologia	Não identificado no resumo.

Constatações da pesquisa	Não identificado no resumo.
Palavras - chave	Literatura afro-descendente. Identidade e tradução intercultural
Universidade	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Fonte: pesquisa realizada no dia 18 de agosto de 2018, na Plataforma Sucupira

Quadro A4: Referente aos trabalhos encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações	
Categoria	Descrição
Ano	2016
Título	Do exotismo à denúncia social: sobre a recepção de Quarto de despejo, de Carolina Maria De Jesus, na Alemanha'
Autor (a)	SANTOS, Raquel Alves Dos
Objetivo	Esse trabalho visa examinar o potencial e o impacto da recepção, na Alemanha, do livro Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, valendo-se para tanto de resenhas de jornais alemães publicadas sobre a obra e a autora para reunir elementos que nos possibilitem entender como e por meio de quais recursos e agentes, a tradução de Quarto de despejo alcançou sete edições naquele país.
Categorias de análise	Estudos Descritivos da Tradução - (TOURY 1995), (LÉFEVÈRE, 1992) e a teoria dos polissistemas de Even-Zohar (1979); bem como o conceito de paratexto de Genette (1987).
Metodologia	Estas nos permitiram mapear eixos temáticos, a partir dos quais apontamos aqui algumas condicionantes da recepção da obra, tanto em uma perspectiva sincrônica ao examinar cada texto em particular, quanto diacrônica ao estudar a evolução de conceitos no tempo.
Constatações da pesquisa	Estas condicionantes evidenciaram, a partir da repercussão de Quarto de Despejo e de Carolina de Jesus, um deslocamento do interesse na recepção da literatura brasileira traduzida na Alemanha do exotismo para a denúncia social.
Palavras - chave	Quarto de Despejo; Carolina Maria de Jesus; Estudos Descritivos da Tradução; Linguística de Corpus; Recepção de Literatura Brasileira na Alemanha; Literatura Brasileira traduzida; Estudos de Recepção.
Universidade	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Fonte: pesquisa realizada no dia 18 de agosto de 2018, na Plataforma Sucupira

Quadro A5: Referente aos trabalhos encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações	
Categoria	Descrição
Ano	2016
Título	Análise de marcadores culturais em quarto de despejo e casa de alvenaria e as respectivas traduções, à luz dos estudos da tradução baseados em corpus'
Autor (a)	CAPELETT, Patricia Cristina
Objetivo	No presente trabalho, investigamos a tradução de marcadores culturais (MCs) presentes em duas obras da escritora Carolina Maria de Jesus: Quarto de Despejo: diário de uma favela, traduzida por David St. Clair como Child of the Dark; e a outra, Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada, traduzida por Robert M. Levine e Arrington Jr. com o título de I'm going to a little house: the second diary of Carolina Maria de Jesus.
Categorias de análise	Proposta interdisciplinar por Camargo (2005, 2007) com bases nos Estudos da Tradução Baseados em Corpus (Baker, 1993, 1995, 1996), na Linguística de Corpus (Berber Sardinha, 2004, 2009), nos trabalhos sobre domínios culturais de Nida (1945) e de Aubert (1998), e nos estudos sobre modalidades tradutórias de Aubert (1998).
Metodologia	Para a geração de dados, utilizamos como auxílio na pesquisa o programa Word Smith Tools, versão 6.0, o qual permite análises de forma mais dinâmica.
Constatações da pesquisa	Os resultados obtidos revelam que David St. Clair está mais voltado para o texto de partida buscando uma maior aproximação entre o leitor de língua inglesa e a mensagem do original. Já Robert M. Levine e Arrington Jr. procuram deixar o texto mais próximo à cultura do leitor de chegada, tendo em vista que utilizam mais recursos que buscam adaptar os dois complexos cultura/língua.
Palavras-chave	Estudos da Tradução Baseados em Corpus; Linguística de Corpus; Carolina Maria de Jesus; Marcador cultural.
Universidade	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ

Fonte: pesquisa realizada no dia 18 de agosto de 2018, na Plataforma Sucupira

1. PORTAL DE PERIÓDICOS CAPES/MEC

Como segunda fase desta revisão sistemática, procura-se realizar o estado da arte no Portal de periódicos da CAPES, a fim de investigar quais são os artigos que tratam diretamente com o trabalho de tradução da obra *Quarto de Despejo* 1960, e identificar quais aspectos cada pesquisador buscou na sua escrita analisar o tópico escolhido. Para tanto, este trabalho irá deter dos mesmos descritores que foi utilizado na pesquisa anterior, bem como os critérios de seleção dos trabalhos.

Retomando a pesquisa, inserimos o primeiro descritor “Carolina Maria de Jesus” no portal obtivemos 221 resultados, em seguida, nos detemos dos filtros – artigos com 126 resultados e idioma português com 34 resultados. Partimos para o segundo descritor, “Carolina de Jesus”, no qual tivemos o total de 28 artigos encontrados, não aplicamos nenhum filtro, não tivemos nenhum artigo relevante para a pesquisa. Aplicamos o terceiro descritor “quarto de despejo” obtivemos 73 resultados, em seguida aplicamos o filtro idioma inglês e tivemos 55 e com o recorte temporal que a plataforma limitou de 2000 a 2018 são 45 resultados. O quarto descritor “child of the dark” obtivemos o total de 12 artigos, não detemos de nenhum filtro. Inserimos o quinto descritor “David St. Clair” obteve 228, com o recorte temporal de 2000 a 2018 tivemos 175 resultados. Com o próximo descritor “Carolina de Jesus” AND “tradução” obteve 1 resultado. Ao aplicarmos o descritor “quarto de despejo” AND “tradução” obteve o total de 4 resultados. Com o penúltimo descritor composto, “reescrita” AND “quarto de despejo” não obteve nenhum resultado. Por fim, o descritor “favela” AND “quarto de despejo” com o total de 30 artigos. Logo abaixo:

Quadro A6: Relação de resultados no Periódico CAPES			
Descritores	Filtros	Total encontrado	Total relacionado
Carolina Maria de Jesus	Artigos, idioma português	34	1
Carolina de Jesus	-	28	0
Quarto de Despejo	Idioma inglês, recorte temporal de 2000 a 2017.	45	0
Child of the Dark	-	12	0
David St. Clair	Recorte temporal 2000 a 2018	175	0
Carolina de Jesus AND tradução	-	1	0
Quarto de despejo AND tradução	-	4	0

Reescrita AND Quarto de despejo	-	0	0
Favela AND Quarto de despejo	-	30	0

Fonte: pesquisa realizada dia 20 de julho de 2018, no Periódicos CAPES

A seguir, o artigo encontrado no Periódicos CAPES por meio de uma revisão sistemática que apresenta uma pequena relação com a pesquisa aqui proposta. No entanto, o objetivo deste artigo está ligado com outra obra de Carolina Maria de Jesus, mas podemos analisar como as interferências da tradução impermeiam na reescrita da obra da autora.

Quadro A7: Referente aos trabalhos encontrados no Periódicos CAPES	
Descritor	Carolina Maria de Jesus
Tipo	Artigo
Ano	2014
Título	Interferências da subjetividade estrangeira na tradução americana de Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus
Autor (a)	Raffaela Andréa Fernandez ; Sueli Meira Liebig
Objetivo	Empreende um estudo comparatista entre a versão brasileira de Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus e sua tradução para o inglês americano feita por Emanuelle Oliveira e Beth Joan Vinkler, intitulada Bitita's Diary: the childhood memoirs of Carolina Maria de Jesus
Categorias de análise	Para tanto, baseamo-nos nos estudos de Rosemary Arrojo; Jacqueline Authier-Revuz; Rodrigues; Venuti; Neuza Gonçalves Travaglia, Paul Ricoeur e Germana Souza.
Metodologia	O nosso intuito neste estudo é observar em que medida a subjetividade das tradutoras da obra para a língua inglesa produziu efeitos de sentido e de que maneira essas possíveis interferências podem vir a afetar o leitor. Procuramos ainda refletir se as modificações realizadas podem incidir sobre os leitores na absorção desses novos sentidos gerados pela retextualização.
Constatações da pesquisa	--
Palavras- chave	Carolina Maria de Jesus. Tradução. Interferência. Subjetividade.

Universidade	Periódico - Cadernos de tradução – UFSC
--------------	---

Fonte: pesquisa realizada no dia 18 de agosto de 2018.

2. OATD - OPEN ACCESS THESIS AND DISSERTATIONS

Partimos para o OATD - Open Access Thesis and Dissertations para retomarmos a revisão sistemática com o objetivo de mapear trabalhos que estejam ligados com esta pesquisa. Para tanto, utilizaremos todos descritores que foram usados nos mapeamentos anteriores, porém, não aplicamos nenhum filtro a cada descritor. O primeiro descritor inserido foi “Carolina Maria de Jesus”, como mencionado anteriormente não se aplicou nenhum filtro. O total de achados resultou em 30 com apenas 1 trabalho relevante para a pesquisa.

Dando seguimento, foi inserido o segundo descritor, “Carolina de Jesus” com o total de 12 trabalhos encontrados, mas nenhum foi relevante para esta pesquisa. O terceiro descritor “Quarto de despejo” com o total de 22 achados, e 0 trabalhos que abordassem sobre tradução. O quarto descritor “Child of the Dark” o total de achados foram 5 e nenhum foi relevante para esta pesquisa. O quinto descritor inserido foi “David St. Clair”, foram encontrados 2 trabalhos, porém, nenhum relevante. O sexto descritor, “Carolina de Jesus” AND “tradução” não obteve resultado algum. Como sétimo descritor “Quarto de despejo” AND “tradução” também não encontramos nenhum resultado. Partimos para o oitavo descritor, “reescrita” AND “Quarto de despejo” encontramos apenas 1 trabalho, mas não foi relevante para esta pesquisa. Por fim, inserimos o último descritor “Favela” AND “Quarto de despejo” formam achados 9 trabalhos, mas nenhum relevante a esta pesquisa.

Para uma melhor apreciação dos resultados, segue quadros abaixo com a descrição desta revisão sistemática:

Quadro A8: Referente aos trabalhos encontrados no OATD			
Descritor	Filtro	Total encontrado	Total relevante
Carolina Maria de Jesus	-	30	1
Carolina Maria de Jesus	-	12	0
Quarto de despejo	-	22	0
Child of the Dark	-	5	0
David St. Clair	-	2	0

Carolina de Jesus AND tradução	-	0	0
Quarto de despejo AND tradução	-	0	0
Reescrita AND Quarto de despejo	-	1	0
Favela AND quarto de despejo	-	9	0

Fonte: pesquisa realizada no dia 27 de setembro de 2018, na OATD.

Quadro A9: Referente ao trabalho encontrado no OATD			
<i>Descritor</i>	<i>Autor</i>	<i>Tipo textual</i>	<i>Título</i>
<i>Carolina Maria de Jesus</i>	<i>Renata Thiago Pontes</i>	<i>Tese</i>	Opressão, resistência e ativismo: o desafio da tradução de textos afro-descendentes em Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus, Lucy de Jamaica Kincaid e Passing de Nella Larsen.

Fonte: pesquisa realizada no dia 18 de agosto de 2018.

Quadro A10: Referente à tese encontrada na OATD	
Categoria	Descrição
Ano	2015
Título	Opressão, resistência e ativismo: o desafio da tradução de textos afro-descendentes em Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus, Lucy de Jamaica Kincaid e Passing de Nella Larsen'
Autor (a)	Pontes, Renata Tiago.
Objetivo	Analisar como a representação da identidade afro-descendente se manifesta em Quarto de despejo da brasileira Carolina Maria de Jesus, Lucy da estadunidense Jamaica Kincaid e Passing da estadunidense NellaLarsen e em suas traduções a partir do viés intercultural dos Estudos de Tradução.
Categorias de análise	Não identificado no resumo.
Metodologia	Não identificado no resumo.

Constatações da pesquisa	Não identificado no resumo.
Palavras - chave	Literatura afro-descendente. Identidade e tradução intercultural
Universidade	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Fonte: pesquisa realizada no dia 18 de agosto de 2018.

3. BIBLIOTECA DIGITAL DE TESES E DISSERTAÇÕES – BDTD

Na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD foi realizado uma revisão sistemática com o objetivo de encontrar teses ou dissertações que abordassem sobre o projeto tradutório do objeto desta pesquisa, que são o livro *Quarto de despejo* (1960), da autora negra Carolina Maria de Jesus e sua tradução para a língua inglesa intitulada *Child of the Dark* (1962), do tradutor David St. Clair. Sendo assim, foi inserido o primeiro descritor “Carolina Maria de Jesus” na plataforma, o que resultou no total de 30 trabalhos achados, porém, nenhum foi pertinente para esta pesquisa.

Com o próximo descritor “Carolina de Jesus”, obteve-se o resultado de 10 trabalhos entre teses e dissertações, como foi alertado anteriormente, não utilizamos nenhum filtro. O descritor “Quarto de despejo” apenas 23 trabalhos foram expostos, e 1 expressivo para esta pesquisa. O quarto descritor “Child of the Dark” 9 trabalhos foram encontrados. A partir do quinto descritor inserido “David St. Clair” apenas 1 foi achado. O sexto descritor “Carolina de Jesus” AND “tradução” com 1 achado. Com “Quarto de despejo” AND “tradução” foi achado 1 trabalho. O penúltimo descritor “Reescrita” AND “Quarto de despejo” identificamos 1 tipo textual. Por fim, o descritor “Favela” AND “Quarto de despejo”, apenas 16 foram achados. Para uma melhor contemplação dos resultados, abaixo:

Quadro A11: Relação de resultados no BDTD			
Descritores	Filtros	Total encontrado	Total relacionado
Carolina Maria de Jesus	-	30	0
Carolina de Jesus	-	10	0
Quarto de Despejo	-	23	1
Child of the Dark	-	9	0
David St. Clair	-	1	0
Carolina de Jesus AND tradução	-	1	1
Quarto de despejo AND tradução	-	1	0
Reescrita AND Quarto de despejo	-	1	0

Favela AND Quarto de despejo	-	16	0
------------------------------	---	----	---

Fonte: pesquisa realizada dia 20 de julho de 2018, no BDTD

Os resultados relevantes obtidos nesta revisão sistemática apontados no quadro abaixo serão apresentados de forma breve, pois, os mesmos foram apontados na revisão sistemática gerados no Catálogo de Teses e Dissertações, assim, para não ficar repetitivo, apresentaremos qual descritor foi usado e o respectivo título dos trabalhos acadêmicos.

Quadro A12: referente aos descritores no BDTD			
Descritor	Autor (a)	Tipo textual	Título
Carolina de Jesus AND tradução	SANTOS, Raquel Alves Dos	Dissertação	Do exotismo à denúncia social: sobre a recepção de Quarto de despejo, de Carolina Maria De Jesus, na Alemanha'
Quarto de despejo	CAPELETT, Patricia Cristina	Dissertação	Análise de marcadores culturais em quarto de despejo e casa de alvenaria e as respectivas traduções, à luz dos estudos da tradução baseados em corpus'

Fonte: pesquisa realizada no dia 18 de agosto de 2018.

REFERÊNCIAS

CAPES - Catálogo de Teses & Dissertações. Disponível em:

<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses> Acesso em: 22 de agosto de 2018

CAPES – Portal. Periódicos. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/> Acesso em: 20 de agosto de 2018

CAPELETT, Patricia Cristina. **Análise de marcadores culturais em quarto de despejo e casa de alvenaria e as respectivas traduções, à luz dos estudos da tradução baseados em corpus'**. 2016. 108 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2016.

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Disponível em:

<http://bdtd.ibict.br/vufind/> Acesso em: 22 de setembro de 2018

FERNANDEZ, Raffaella Andréa, LIEBIG, Sueli Meira. **Interferências da subjetividade estrangeira na tradução americana de Diário de Bitita**, de Carolina Maria de Jesus. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 18, n. 35, p. 267-284, 2º sem. 2014

GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra. Disponível em:
<https://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/> Acesso em: 24 de Julho de 2018

LITERAFRO – O portal da literatura afro brasileira. Disponível em:
<http://www.letras.ufmg.br/literafrro/> Acesso em: 18 de Agosto de 2018

M DE MULHER – O Melhor portal feminino da América Latina. Disponível em:
<https://mdemulher.abril.com.br/cultura/escritoras-negras-brasileiras-que-voce-vai-adorar-conhecer> Acesso em: 18 de agosto de 2018.

MULHERES QUE ESCREVEM – Medium. Disponível em:
<https://medium.com/mulheres-que-escrivem/poetas-negras-da-literatura-brasileira> Acesso em: 18 de Agosto de 2018

MULHERES ESCRITORAS NEGRAS DA BAHIA. Disponível em:
<https://escritorasnegras.com.br/escritora/fatima-trinchao/> Acesso em: 01 de outubro de 2018

NÔ DE OITO – Não é ‘só’ um filme. Disponível em:
<http://nodeoito.com/escritoras-negras-brasileiras> Acesso em: 18 de Agosto de 2018

OATD – Open Access Thesis and Dissertations. Disponível em: <https://oatd.org/> Acesso em: 01 de Setembro de 2018

SANTOS, Raquel Alves dos. **Do exotismo à denúncia social: sobre a recepção de Quarto de despejo, de Carolina Maria De Jesus, na Alemanha** 29/02/2016 225 f. Mestrado em ESTUDOS DA TRADUÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca Florestan Fernandes